



FL. Nº  
Anexo – notas taquigráficas  
Proc. nº  
CMSP – NOME DA CPI  
Nome - RF

**CÂMARA MUNICIPAL DE  
SÃO PAULO**

**SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR**  
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

COMISSÃO DE POLÍTICA URBANA, METROPOLITANA E MEIO  
AMBIENTE

**PRESIDENTE: ANDREA MATARAZZO**

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA.

LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo

DATA: 04/12/2014

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Grafia(s) não confirmada(s)
- Orador não identificado
- Manifestação fora do microfone
- Exibição de imagens

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Boa noite a todos. Na qualidade de Presidente da Comissão de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente, declaro abertos os trabalhos da trigésima primeira audiência pública do ano de 2014 para discutir o tema: Projeto Ponte de Pirituba e Operação Urbana Água Branca.

Presente, o Vereador Eliseu; o Vereador Paulo Frange deve estar chegando.

Foram convidados para esta audiência o Secretário Municipal de Infraestrutura Urbana, Sr. Roberto Garibe; o Secretário Municipal de Desenvolvimento Urbano, Sr. Fernando de Mello Franco, representado neste ato pelo Sr. Gustavo; o representante do Conselho Gestor da Operação Urbana Água Branca, Sr. Webber Sutti, e o representante da SP Obras, Sr. Roberto Nami Garibe Filho.

Iniciemos a nossa pauta.

Item 1º: informações sobre andamento da obra de canalização do Córrego Água Preta e Sumaré; informações sobre projeto e andamento das obras de Habitação de Interesse Social e reforma do conjunto habitacional da Favela do Sapo, que era uma das obra prioritárias para a Comissão de Política Urbana; informações sobre o projeto e previsão da extensão da Avenida Auro Soares de Moura Andrade e a Avenida Pompeia; informações sobre o balanço financeiro detalhado até a presente data.

Quem dos senhores inicia?

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Então, por favor. (Pausa)

Peço à assessoria que, por favor, monte a apresentação no computador.

Anuncio a presença do Vereador Paulo Frange, Vice-presidente da Comissão de Política Urbana e um dos autores do requerimento.

Tem a palavra o Sr. Ricardo Rodrigues, da Sehab. Por favor.

**O SR. RICARDO RODRIGUES** - Boa noite a todos. Boa noite, Srs. Vereadores, colegas da Prefeitura.

- O orador passa a referir-se a imagens na tela de projeção.

**O SR. RICARDO RODRIGUES** – Vou rapidamente apresentar a situação da obra de ampliação das galerias dos córregos Sumaré e Água Preta.

A próxima, por favor. Esse traçado que aparece no mapa do Google mostra qual será a forma das novas galerias. Então, para quem conhece a região, nós temos uma galeria que nasce na Turiassu, na Avenida Pompeia, segue em direção à CPTM, cruza a CPTM e depois continua pela Nicolas Boer até a Marginal Tietê. A outra galeria nasce na praça em frente ao Palmeiras, a Praça Marrey Junior e artificialmente sai de sua bacia através de um túnel, tomando a direção da Francisco Matarazzo para cruzar a via férrea no interior das antigas indústrias Matarazzo. E depois ela corre paralela à via e continua paralela á galeria, que vem do córrego Água Preta. Então, são duas bacias: uma do córrego Água Preta, à esquerda e outra bacia do córrego Sumaré. É importante destacar que as galerias existentes continuarão funcionando durante toda a execução das novas galerias. Em termos de extensão nós temos pouco mais de mil metros da galeria do Água Preta, sendo 350 metros em túneis e o restante em galeria, que será executada em VCA, galeria a céu aberto. Num total, somando as do córrego Sumaré, de 2.473 metros, é o valor contratual expresso à base de 178 milhões. Então, lá no mapa o que está em azul é o que será feito a céu aberto e, em amarelo, o que será feito em túnel. O porquê foi escolhido fazer em túnel nesses locais se dá em razão de interferências ou de se evitar grandes problemas com o trânsito, como seria o caso na Marginal, se nós fôssemos abrir uma galeria a céu aberto, como estava no projeto original. Então, transformamos aquele trecho em túnel, assim como também no cruzamento com a Marquês de São Vicente. Ali naquele local, além do trânsito, existe um interceptor da Sabesp de grandes proporções. Nós fomos obrigados a mergulhar sob ele.

A próxima, por favor. Aí são detalhes e em vermelho já são os poços que foram abertos, veremos foto mais adiante. Em azul, trechos em execução em galeria e, novamente em amarelo, os túneis utilizando o método NATM.

A próxima. A região de interesse, saímos da Marginal à direita, passamos pela Mancha Verde, atravessamos a rotatória da Marquês de São Vicente.

A próxima. Atravessando a Marquês de São Vicente, um pouco antes, a gente tem dois poços no terreno da CET. Esses poços embocarão os túneis em direção à CPTM.

Próxima. Novamente aspectos dos túneis antes e depois da Marquês de São Vicente.

A próxima. Esse trecho nós já estamos nos aproximando da linha da CPTM. Então, é possível ver, do lado direito, as obras do Jardim das Perdizes, um empreendimento privado na região e a galeria, parte dela já executada e parte dela ainda não aterrada, mais acima.

A próxima. Essa é mais uma visão que mostra que a galeria, após atravessar a linha da CPTM, alcança o lado onde iremos buscar a mancha de enchente, que é na Avenida Pompeia, Venâncio Aires, Turiassu.

A próxima. Ali é exatamente o nosso alvo. Aqui do lado do Palmeiras, já vemos numa foto recente o córrego Sumaré, a bacia do córrego Sumaré. Então, do lado direito da piscina em forma de ameiba já temos um poço sendo escavado, bem como um ao norte.

A próxima. São os pontos em vermelho, ali demonstrados. Ali estão os poços. Os poços já foram escavados e os túneis também já estão embocados, já estão em desenvolvimento.

A próxima. Bom, em relação ao meio ambiente temos aqui vários representantes da comunidade, que nos acompanham, e estão acompanhando também todo o programa de gestão e controle ambiental das obras. Então, esses são os principais programas: o sistema de coleta seletiva; o programa de comunicação ambiental; as vistorias cautelares, que foram feitas em todos os imóveis preliminarmente, cautelarmente ao início das obras; plano de contingências, caso haja algum sinistro; programa de controle de fauna sinantrópica; o TCA, que é o Termo de Compromisso Ambiental, algumas árvores foram retiradas e serão substituídas ou replantadas por um número bem maior. Foi feito também um diagnóstico

arqueológico, sobretudo na área das antigas indústrias Matarazzo. Aquelas chaminés e o parque de máquinas que restou e é tombado fica numa distância relativamente curta da futura galeria e todas as precauções de projeto foram tomadas, de forma a não provocar nenhum dano nesse patrimônio cultural. Enfim, são programas que nós estamos cumprindo, monitoramento de ruído, que de certa forma vem sendo aprovado pela comunidade. Às vezes temos algumas reclamações, mas tão logo conhecidas, procuramos saná-las.

A próxima. Esse é um croqui, que mostra as árvores que existiam antes da galeria, no percurso da galeria e a quantidade bem maior de árvores que teremos. Então, cortaremos ou já cortamos 21 árvores. Haverá 41 transplantes, 11 serão preservadas e um plantio de 63 nesse quadro.

A próxima. Aí é o nosso controle de qualidade. É uma obra que atravessa uma região povoada com edificações extremamente importantes, muito valorizadas e toda a obra de túnel é uma obra delicada e são testes que fazemos. Lá em cima, por exemplo, o concreto é projetado dentro dos túneis. Esse é um teste modelo em que fazemos uma verificação para ver se a qualidade daquele concreto que está sendo projetado dentro do túnel atende às normas da ABNT e às normas da Prefeitura.

A próxima. Bom, aí já passamos para dois casos. O primeiro é a escavação do túnel propriamente dito e o segundo são as valas a céu aberto ali do lado da Mancha Verde, que são torcedores do Palmeiras. Mostra o cuidado que tivemos que ter, já que a parede, a empena da Mancha Verde está realmente grudada à galeria.

A próxima. Aí junta a marginal, é o túnel junto à Marginal, então temos os dois poços à direita. Para quem está passando na região, nós já cruzamos em túnel a pista local.

A próxima. Essa é uma seção do túnel, essa é uma forma, um croqui longitudinal que mostra os trabalhos de fortalecimento do solo na cambota. O solo da região é um solo de origem sedimentar, bastante difícil de trabalhar, então nós tivemos que enrijecê-lo de forma artificial, através de CCPS e *jet ground*.

A próxima. Aí momentos da escavação dos poços.

A próxima. Mais um detalhe de tratamento de *jet ground*. O que é esse tratamento de *jet ground*? São colunas de concreto, que são feitas na posição vertical, de tal sorte que haja uma segurança absoluta quando da escavação e do avanço, que é de cerca de 80 centímetros por dia.

A próxima. Estão detalhes bastante técnicos.

A próxima. Esse é um filminho que mostra rapidamente como é esse *jet ground*. Há uma perfuração, depois quando a broca sobe, ela sobe projetando o concreto e vai criando uma carapaça de concreto, de tal sorte que, quando vem à frente de escavação, o solo encontra-se em condições de ser escavado com segurança.

A próxima. Aí temos um perfil do solo. Essa bacia é sedimentar, talvez a maior bacia edimentar urbana do mundo, onde, nas camadas superficiais, nós temos solos derivados de entulhos, reaterros, argila orgânica que tem uma resistência muito baixa e a gente começa a encontrar um solo de qualidade a profundidades muito grandes.

Não podíamos continuar descendo com o túnel, porque entraríamos muito afogados dentro do Tietê. Então essa posição foi a otimizada, por isso tivemos de criar um solo artificial, de tal sorte que o túnel pudesse ser executado.

A próxima.

Momentos de escavação, as brocas de escavação.

A próxima.

Essa é a estruturação do túnel, as treliças que são colocadas a cada 80 cm que marcam o avanço cotidiano.

A próxima.

Material escavado é retirado. O controle também; se tudo estiver ocorrendo de forma como prevista em projeto, é feita toda uma instrumentação dentro e fora do túnel, diariamente várias vezes, por dia, são feitas leituras da convergência do túnel, de tal sorte que,

qualquer problema que apareça, imediatamente as equipes de A.T.O., que são os engenheiros que fazem a assistência técnica de obra, possam resolver. Por enquanto não tivemos nenhum problema extra projeto.

A próxima.

Esse é o avanço diário. O túnel vai a 88 cm, por dia, enquanto o que perfaz 21 metros, por mês, em cada túnel, ou em cada frente de obra de túnel.

A próxima.

As galerias moldadas têm essa dimensão, são duas células de 3 x 3,5.

A próxima.

Aí a execução da galeria. Vejam a profundidade, os homens ficam pequenos dentro da galeria.

A próxima.

Já depois de toda a estruturação feita, de forma a se trabalhar com segurança, as galerias são colocadas com guindastes, com guias, em seguida, aterradas.

A próxima.

É bom dizer também que nós estamos quintuplicando a vazão das galerias atuais, nós iremos passar para 65 m<sup>3</sup>, por segundo. Ao passo que, hoje, nós temos em torno de 11 m<sup>3</sup>, por segundo. A foto mostra o momento em que a aduela está sendo assentada. Essas aduelas são pré-fabricadas, o que possibilitou também acelerar a obra.

A próxima.

No caso das galerias a céu aberto, a produção é bem maior, a gente consegue 100m de galeria, por mês, por equipe.

A próxima.

Então, isso dá uma ideia geral da obra, o objetivo é terminar essa obra para o próximo verão. Os nossos principais problemas. Neste momento, em termos de interferência, são: de um lado a desapropriação do edifício, onde hoje se localiza a Kalunga. Nós vamos

precisar de um pedacinho do terreno para instalar um poço de escavação. Já houve um acordo com o proprietário, tão logo seja ajuizada a ação de desapropriação, ele nos dará autorização para o início da execução do túnel.

Nós conseguimos, hoje, o empenho necessário para fazer essa desapropriação, então eu acredito que, no começo de janeiro, já estaremos escavando desse lado também.

O segundo problema que enfrentamos é a autorização da CPTM e da MRS. A autorização da MRS já foi obtida. Hoje assinamos o termo de autorização com a MRS, esse termo é remetido para Brasília para NTT, que em uma semana nos permitirá, também, o início das escavações.

A CPTM tem dificultado bastante o nosso trabalho, com exigências praticamente diárias, mas, também, acreditamos que nesta semana vindoura nós teremos a autorização definitiva da CPTM.

As outras grandes interferências foram resolvidas. Nós teremos um problema no emboque, ou no desemboque do túnel no Rio Tietê. Esse desemboque está previsto para ser iniciado tão logo acabe a estação de chuvas. Estamos prevendo iniciar esse desemboque em abril, uma obra prevista para ser terminada em agosto.

Então se não aparecer mais nenhum problema, acreditamos que até novembro, outubro-novembro de 2015, essa primeira grande fase da obra estará concluída. Ou seja, nós conseguiremos eliminar as enchentes da Rua Turiassú, da Pompeia, da Venâncio Ayres, da Marrey Júnior, como era o propósito inicial dessa obra.

Em termos principais, era isso que eu tinha a dizer.

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Ótimo. Quer dizer que com isso daí não teremos mais enchentes na região da Turiassú, em boa parte daquela área da Pompeia.

Agora, então, a segunda questão, seriam as informações sobre o projeto em andamento das obras, que é o mais importante e fundamental aqui, as obras de habitação de interesse social e a reforma do conjunto habitacional da Favela do Sapo, se já estão quase

prontas.

Quem falaria sobre isso? Ricardo, por favor.

**O SR. RICARDO RODRIGUES** - Boa noite a todos. Sou o Ricardo Rodrigues, Coordenador de Atendimento Social de Sehab. Em relação ao empreendimento, lá no perímetro da Operação Urbana Água Branca, nós estamos prevendo ali a construção de 1.250 unidades habitacionais, até para atender, por exemplo, as duas favelas, duas ocupações na área, que é a Favela do Sapo, onde temos 158 famílias cadastradas em auxílio aluguel. Temos também a Favela da Aldeinha, cujas famílias foram atendidas na época, em 2008-2009, em empreendimentos da região, alguns na zona Sul, há alguns remanescentes dessa favela que serão atendidos nesses empreendimentos a serem construídos.

Em relação à reforma no conjunto habitacional, onde há auto construção, temos o prover, há vários outros empreendimentos. Estão previstas agora obras emergenciais que, inclusive foram apresentadas no conselho gestor, agora, o último, das ZEIS, da Favela do Sapo, propriamente dita, com obras emergenciais previstas para agora na primeira verba de 2015, da Prefeitura, já utilizando os recursos da Operação Urbana.

São obras tipo troca de telhas, ajuste de pano de fachada, caixa d'água, a parte de quadro elétrico, enfim, foram elencados alguns itens e esses itens serão agora emergenciais, até se fazer as obras dos 3Rs, previstas no orçamento geral, com a verba da Operação Urbana.

Então com relação à Favela do Sapo basicamente é isso.

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Ou seja, não começou ainda.

**O SR. RICARDO RODRIGUES** - Não. Nós não começamos a obra. O levantamento foi efetuado agora, recentemente. Pretendemos utilizar o recurso a partir do ano que vem, a primeira verba de 2015.

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** - Ok. Isso porque era prioritário. Mas, enfim, vamos movendo aí.

Outro item, informações sobre projeto e previsões da extensão da Auro Soares de Moura Andrade.

Ricardo, por favor.

**O SR. RICARDO RODRIGUES** - Bom, neste futuro empreendimento nós ainda estamos na fase de contratação de projeto. É importante destacar que essa obra é extremamente importante, e ela tem que ser articulada com várias obras do Estado que estão acontecendo na mesma região.

O Estado tem como previsão a chegada da futura Linha 9, que é aquela linha que hoje está na Marginal Pinheiros e vai até Osasco. Ela vai ter uma ferradura na Vila Leopoldina e vai tomar a direção da Água Branca, terminando lá.

Há também previsão de duas linhas regionais, uma vem de Sorocaba e outra de Jundiaí, que também chegarão na futura Estação Água Branca, além das duas linhas da CPTM que já existem e mais uma linha de serviço. Então tudo isso vai convergir para a futura Estação Água Branca, onde certamente haverá um maior movimento de passageiros e usuários de todas as estações de São Paulo.

E aí dois novos empreendimentos também chegarão e passarão por ali: uma é a Linha 6, do Metrô, uma linha que já está para ser iniciada e, finalmente, a nossa obra.

Qual que é a nossa obra? A Auro de Moura Andrade é aquela avenida que já existe um pedaço, nasce no terminal Barra Funda e o objetivo dela é chegar, sempre paralela às linhas da CPTM, até essa futura Estação Água Branca, mergulhando sobre os trilhos e pegando a direção da Avenida Santa Marina. Tudo isso é um *imbróglio*. Nós temos feito várias reuniões com a CPTM e com o Metrô e com o consórcio da Linha 6 de tal sorte que consigamos todo mundo a passar nesse mesmo local. O nosso projeto entrará em licitação talvez ainda nesse mês de dezembro e apesar de ainda não termos o projeto contratado, as equipes da SPObras tem participado de todas essas reuniões de forma a haver uma compatibilização de todos aqueles que irão passar pelo mesmo local.

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Deixe eu fazer uma pergunta. Nesse caso não licitou o projeto da extensão ainda?

**R** – Não licitamos o projeto da extensão ainda.

**P** – O projeto, não é a obra.

**R** – O que nós tínhamos era um projeto básico que foi desenvolvido na gestão anterior, esse projeto básico está servindo de norte para a contratação desse novo projeto. Por que um novo projeto? Porque realmente quando foi feito esse projeto anterior nós tínhamos ainda, ou quem estava a frente na época, não tinha ainda esse conjunto de informações e de empreendimentos que hoje apareceram no mesmo local. Então teremos que fazer essa compatibilização com um novo projeto. Esse projeto tem previsão, se contratado logo no início do ano, de estar concluído julho-agosto. Então nós iríamos fazer a licitação dessa obra no segundo semestre de 2015.

**P** – Então, quer dizer, essa ainda não começou. Não temos o projeto ainda. Não entendo, mas não faz um ano tudo isso daí? Foi aprovada a Operação Urbana Água Branca faz um ano aqui. Mas não pusemos um tijolo, uma telha na Favela do Sapo, que era uma das coisas importantes na época. Até que nós estivemos com o Ricardo, acho, o Ricardo Subprefeito da Lapa, sempre, está firme lá. Como é Jaqueline? Trocou o subprefeito. O Ricardo esteve lá conosco, era um grande conhecedor da Lapa. Prazer em vê-lo aqui, prazer em vê-la subprefeita.

De qualquer forma estamos vendo que a coisa está um pouco lenta.

**O SR. PAULO FRANGE** – O Vereador Andrea Matarazzo está colocando uma posição que foi muito criticada na Operação Urbana Água Branca, que nos assustava e ainda assusta, quando começaram as discussões, o volume de dinheiro, a Dona Antonieta que ouviu muito essa conversa, que foi gasto com projetos ao longo de uma década, que aceleraram os trabalhos. É coisa de 26, 28, 30 milhões em projetos. Projetos, projetos, projeto, projeto. Projeto para estudar o outro projeto. Nós tínhamos projeto sobre projeto. É a maior

concentração de projetos que nós vimos nesta Casa sobre uma mesma região, tão pequenininha, que é a Operação Urbana Água Branca. Então a gente imaginava que alguma coisa se salvasse desse dinheiro todo que foi colocado. A impressão que nós temos é que não se salvou nada, porque daqueles projetos que foram estudados, quase nada mudou. Vejo aqui a obra do túnel, o que era e o que está se fazendo não tem nada a ver uma coisa com outra, ou seja, só o trajeto é o mesmo, até porque mudaram as técnicas e demorou tanto.

É isso mesmo? Nós estamos enganados ou foi feito projeto de mais naquela época?

R – Não. O Brasil tem pouca cultura de projeto. Na verdade a gente faz pouco projeto. A gente deveria perder mais tempo em projeto do que a gente perde. E certamente o fato de ter sido pensado bastante e outros terem batido a cabeça, acho que nos permitiu nesse momento chegar a essa obra com um projeto que eu acho ideal ou muito perto do ideal, então, acho que não foi um dinheiro gasto em vão. Se estivéssemos fazendo aquele projeto inicial, certamente estaríamos vivendo um caos hoje em São Paulo com a Marginal interrompida, com o interceptor de esgoto sendo provavelmente danificado com a obra. Então, as coisas vão melhorando.

A gente leu hoje na *Folha de S. Paulo* que o metro da linha 15 encontrou um rio na Avenida Anhaia Melo. Então, as pessoas, às vezes, existem erros de projeto, mas no caso nosso não sei se foi realmente um erro ou era pouco conhecimento do que estava enterrado, do que não estava aflorado. Como eu disse, temos uma nova realidade, o Governo do Estado de São Paulo está implantando uma série de obras na Água Branca que não existia no momento anterior, então, essa é uma nova realidade.

Outra dificuldade que temos é que para preservar as chaminés e a casa de máquinas das antigas Indústrias Matarazzo nós teremos de remanejar os trilhos da CPTM e não é fácil. A CPTM é uma empresa que é extremamente conservadora na manutenção do *status quo* veja a dificuldade que estamos tendo para obter a autorização de passar sob os

trilhos. Eles têm as precauções deles e com isso há uma dificuldade em conseguirmos de forma rápida continuar a Aureo, mas acredito que essas reuniões que temos tido de alto nível temos avançado bastante.

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – O senhor há de convir que mudar os trilhos da companhia de trem não é uma coisa tão simples, que se faça todo o dia, eles têm de ser precavidos. Eu pensei que não tivéssemos ouvido falar de enchentes lá esse ano porque a obra já estava quase pronta, ou seja, acho que é porque não choveu mesmo.

Informações sobre o balanço financeiro detalhado até a presente data, Gustavo. Então, deve estar com dinheiro saindo pelo ladrão, espero, e não para o ladrão.

**O SR. GUSTAVO** – Acho que nenhum nem outro.

Vamos tentar entender.

Boa noite a todos. Obrigado pelo convite de poder fazer esclarecimentos na Câmara. Estamos sempre disponíveis na São Paulo Urbanismo, Desenvolvimento Urbano para poder esclarecer e poder deixar o mais transparente possível esse processo.

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Desculpe interromper, mas esqueci de dizer que quem quiser se inscrever, por favor, aqui à direita. Aliás, agradeço aos técnicos da SP Obras e Sehab pelas explicações e pelo conhecimento do assunto.

**O SR. GUSTAVO** – Representando o Secretário Fernando Mello Franco, queria esclarecer a vocês o balanço financeiro da Operação Urbana e é importante lembrar que a operação urbana está dividida em três contas. Discutiu-se muito isso no ano passado aqui, e vamos falar Lei 11.774, que é a antiga Operação Urbana. Lembrando que a conta da nova Operação Urbana não há recursos. Felizmente, a boa notícia que talvez até o fim do ano haverá recursos. Nós conseguimos fazer...

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Ou seja, fazer o CEPAC.

**O SR. GUSTAVO** – Conseguimos vencer o leilão, as exigências da CVM que está muito detalhada e muito exigente. Respondemos todos os comunique-se, fizemos um conselho

gestor eleito pela comunidade, fizemos reuniões no conselho gestor, fizemos audiência pública para definir prioridades, ratificamos no conselho gestor, detalhamos projetos, orçamos toda a operação. Isso é importante porque as operações não estavam orçadas. A gente orçou tim-tim por tim-tim, cada real para ser empregado na operação e só depois disso....

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Orçou parte da nova operação?

**O SR. GUSTAVO** – Da nova operação. Toda aquela listagem de obras que a gente discutiu amplamente aqui na Casa foi tudo orçado, foi enviada à Comissão de Valores Imobiliários, respondemos tudo e se tudo der certo, semana que vem, eles vão dar o ok para a gente avançar. Então, ano que vem teremos recursos para nova operação daquelas duas contas, a conta da habitação, 22%, e a conta das obras de infraestrutura e de patrimônio, 78%.

Vou falar Lei 11.774, de 95. O resumo de entrada está no site da São Paulo Urbanismo e tem tudo isso detalhado, as planilhas detalhadas.

Vale a pena entender uma coisa importante. Nós tivemos, no meio do caminho, uma decisão judicial que nos interpelou sobre o artigo 8º, da lei que a gente aprovou aqui em conjunto com a Câmara, que remetia as prioridades da antiga operação. Nós tivemos uma ação judicial promovida pelo Ministério Público e um ganho em primeira instância que eliminou aquele artigo que diz que não, que na verdade a gente tem de colocar os recursos nas obras que estavam previstas na 11.774.

É claro que com nossa questão a gente recorreu e está no TJ, não saiu a definitiva, mas enquanto não sair a gente não pode elaborar aquela sequência de obras que estão no artigo 8º, que era a drenagem, no mínimo 630 unidades e, agora, volta para até 630, a reforma dos conjuntos que o Ricardo falou, o recurso não é da operação. O Ricardo está fazendo isso com recursos do Tesouro porque a gente não pode usar recursos da operação para isso. É importante lembrar que vale a crítica do tempo da condição imediata, da urgência disso. São recursos do Tesouro porque essa ação judicial promoveu a nos não podermos utilizar os recursos para habitação nas reformas dos conjuntos, etc.

É importante colocar isso porque esclarece um pouco a questão e se estiver sobrando dinheiro também é porque a gente está com os nossos instrumentos, que é a transparência em todos os processos de diálogo, não na velocidade que gostaríamos, mas estamos andando e é importante.

Temos 545 milhões em caixa na Operação Urbana da Lei 11.774. é importante salientar que desses 545 milhões, 280 milhões entraram ano passado, quando estávamos discutindo a nova operação na pressa do mercado imobiliário de resolver com aquilo que conhecia, com aquilo que tinha, não tinha conhecimento do que poderia acontecer, do preço do CEPAP. Então, 52% dos recursos que a gente tem em caixa hoje entraram no ano passado.

Portanto, também justifica uma série de questões que o Ricardo colocou, que a gente não tinha dotação orçamentária para começar outras obras. A própria obra da drenagem de 178 milhões consumiria naquele momento quase a monta toda de recursos.

Desses 545 que temos em caixa hoje, 120 milhões estão empenhados para essas obras. Não foram gastos ainda, mas estão reservados. O dinheiro está carimbado para terminar essa obra. Não podemos continuar a obra sem ter a previsão orçamentária. Então sobram de líquido e certo 420 milhões aproximadamente. Sendo que a absurda maioria entrou no ano passado, 280 milhões. Este ano entrou só dois milhões porque com a aprovação da lei, no ano passado, da nova operação foi só um déficit financeiro que estava em aberto.

Temos na história da operação ao todo entraram 673 milhões; de outorga onerosa, 545; o que saiu, 100 milhões aproximadamente, com obras, taxas de administração, desapropriação e outras despesas. O saldo disponível é esse e ainda tem 120 empenhados. Todas essas planilhas podem ser acompanhadas de maneira transparente bem como toda as reuniões do conselho gestor, as atas, demandas, documentos no site [gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br](http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br) ou no site da São Paulo Urbanismo.

Então, esse é o cenário que a gente tem até o mês passado desta operação.

**O SR. PAULO FRANGE** – ok, Gustavo. Na sequência, bom, do balanço financeiro,

com relação à audiência pública que tratava do requerimento do Presidente Andrea Matarazzo, esses eram os quatro itens. Acho que já foram todos respondidos.

Vamos dar prosseguimento a outro requerimento, que foi aprovada a comissão, de minha autoria, que é o projeto da Ponte Pirituba e Operação Urbana Água Branca. Vamos deixar a apresentação em seguida e as perguntas para o final porque muitas situações aqui também estão envolvidas com as respostas dos mesmos apresentadores.

**(NÃO IDENTIFICADO)** - Vamos rapidamente falar sobre a nova ligação viária Pirituba/Lapa através do eixo da Avenida Raimundo Pereira de Magalhães, antiga estrada que levava à Campinas e onde outrora já houve uma ponte no local. Era uma ponte de madeira. Talvez nenhum de nós aqui nos lembremos dessa ponte, eu não me lembro.

A CPTM novamente vai estar bem próxima a essa ponte, mas nesse caso, na ponte não é uma interferência, é uma interferência um pouco mais a frente, e a Raimundo Pereira de Magalhães que existe em ambos os lados e em ambas as margens do Rio Tietê. Do lado do intrários, menos conhecida.

Essa é a situação atual. Quem está na Raimundo Pereira de Magalhães é obrigado a fazer esse percurso em laranja ou em amarelo para entrar ou sair do bairro usando principalmente a Ponte do Piqueri ou, um pouco menos, a Ponte da Anhanguera.

Esse será o novo caminho que principalmente o transporte coletivo irá emprestar, ou seja, nós faríamos uma ponte no trecho que está em vermelho, esse caminho continuará pela Raimundo, passará sob os trilhos da CPTM, o detalhe a gente vai ver um pouco mais à frente e o corredor de ônibus continuará pela John Harrison até o Terminal da Lapa.

Hoje, a John Harrison é mão apenas na direção do Centro/Bairro. Nós criaremos ali uma via de mão dupla, dando prioridade ao transporte coletivo.

A extensão, só voltando, por favor, no quadro aparece, nós teremos uma extensão de 3.200 metros, a ponte serão dois lances de 458 metros, e a passagem inferior 241. E nós vamos também ampliar a galeria hoje existente. Ali na passagem sob a CPTM é um ponto de

enchente que nós tentaremos também eliminar com essa obra.

Esse é um detalhe do complexo, do lado no novo Shopping Tietê Plaza. Haverá um alargamento das pistas nesse local. Sobre, na ponte propriamente dita serão três faixas por sentido e por uma questão operacional os ônibus continuarão à direita nesse trecho.

Já chegando na Lapa, nós teremos, aí mostra uma galeria que será reformada. Na verdade, essa galeria será um pouco menor do que está ali porque iremos aproveitar a galeria existente. Então a futura galeria será bem menor do que essa aí. Haverá apenas uma construção paralela de uma nova galeria. Portanto, saindo da ponte, ela entra dentro da Raimundo Pereira de Magalhães com duas faixas de cada lado. E a ponte será feito pelo processo construtivo em balanço sucessivo, o que vai permitir uma interferência praticamente irrisória com o tráfego das avenidas marginais.

Continuando, a gente vê o trecho na Raimundo Pereira de Magalhães do lado da Lapa e a galeria sob a avenida, que, como eu falei, não será essa aí. Nós vamos aproveitar a existente e construir uma menor paralela.

Chegando na CPTM nós vamos criar um mergulhão. Hoje, quem conhece a região, sabe que só passa um veículo por vez e nós construiremos ali um dispositivo viário que permitirá a passagem de dois veículos por vez. É importante dizer também que todo esse sistema tem previsão de ciclovias.

E aí há uma série de obras permitindo o tráfego de dirigir seja para John Harisson, seja para Rua Dom João V, seja para a Guaricana, ou mesmo Avenida Mercedes.

Esse é o trecho do corredor de ônibus em direção à Lapa. Então quem vem da Lapa virá em duas faixas, uma para ônibus exclusiva e outra para veículos. E o veículo que está vindo de Pirituba virá, digamos, na contra mão, numa faixa exclusiva para ônibus.

Os estudos mostraram que os ônibus ganharão até 25 minutos por sentido com esse corredor. Vai ser uma enorme vantagem para os usuários de ônibus e também para aqueles que se servem do transporte individual porque haverá um alívio muito grande de cem

ônibus por hora-pico na ponte do Piqueri.

E mesmo os moradores da Lapa serão extremamente beneficiados porque parte do tráfego que hoje empresta as ruas do Alto da Lapa não mais precisarão. Eles entrarão por outros caminhos, e principalmente os ônibus que terão acesso direto ao terminal, evidentemente algumas linhas ainda continuarão percorrendo o bairro como um todo, porque é necessário, mas aquelas linhas troncais não mais necessitarão passar por várias ruas do bairro, congestionando e fazendo percursos negativos.

Então esse é o novo direcionamento. Como vocês veem há uma racionalização bastante grande do fluxo de veículos e de ônibus.

Essa é uma situação existente hoje, nós fizemos uma contagem de tráfego na região e realmente as simulações mostraram que a ponte irá dar uma melhoria significativa ao trânsito na região.

Essa é a situação para a pista.

Isso é o que vai ser desapropriado. Então nós temos em vermelho as faixas que necessitarão de desapropriação. Alguns empreendimentos nós entraremos certamente em contato com eles, que acho que muitos deles terão interesse até de ceder áreas à Prefeitura porque serão muito beneficiados por esse conjunto de obras.

Do outro lado, uma faixa menor de desapropriação perto da marginal e depois uma faixa lindeira à avenida até a passagem sob a CPTM.

É importante também salientar que antes de nós desenvolvermos esse projeto a SPURbanismo, junto com a CET e SPTrans estudaram outras alternativas de traçado e esse traçado foi o que melhor resultado trouxe ao conjunto da região e nós lá da SPObras desenvolvemos essa opção de traçado que tinha sido estudada anteriormente.

Ali nós temos um quarteirão, esse quarteirão em forma de triângulo que será totalmente desapropriado para poder fazer a chegada do lado da Lapa.

E para permitir aquele sentido de ônibus em direção à Lapa, na curva nós teremos

também que dar uma “lambidinha” em alguns imóveis de tal sorte que haja segurança na curva para os ônibus. E daí para a frente não haverá mais necessidade de desapropriação até o terminal da Lapa. Bom, em resumo os benefícios: melhoria no desempenho da região da Ponte do Piqueri e também Avenida Ermano Marchetti e também na Ponte Anhanguera; uma redução de conflitos nessa área, sobretudo sob a Linha 7-Rubi da CPTM e na Ponte do Piqueri, onde vem trânsito de todos os lados possíveis; criação de uma nova diretriz de ônibus ligando a Lapa a Pirituba; uma grande melhoria para pedestres e ciclistas que hoje não tem essa possibilidade de cruzamento do rio e será beneficiado com essa nova ponte. E a eliminação do gargalho na linha 8. A próxima, essa é a situação que a gente tem perto da ponte do Piqueri. É um trânsito que vem na contramão, digamos assim. A pista à esquerda vai no outro sentido, o que à noite provoca acidentes. Muitos se assustam nesse local pensando que está na contramão. É uma solução bastante ruim que existe atualmente.

A próxima, esperamos com essa nova galeria evitar novos alagamentos que são constantes na passagem inferior. Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Muito obrigado, Engenheiro Ricardo. Vamos abrir as perguntas, em primeiro lugar, gostaria de dar a palavra ao vice-presidente da Comissão de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente, Vereador Paulo Frange.

**O SR. PAULO FRANGE** – Obrigado, Presidente, agradeço a presença dos técnicos do Executivo; Vereador Eliseu Gabriel; Pastor Edemilson; Srs. Subprefeitos.

Sr. Presidente, a nossa primeira posição é de deixar a população de Pirituba e região bastante seguros de que o debate da operação urbana Água Branca nesta Casa, eu estou no quinto ano nesta Casa, esse foi o melhor debate que já fizemos até hoje, só perdendo para o Plano Diretor Estratégico.

E por prudência do Presidente Andrea Matarazzo e a forma como conduziu, as audiências públicas que fizemos com a operação urbana Água Branca, sempre foram múltiplas de todos os outros projetos em função das novidades que iam surgindo. Esse artigo que a

justiça questionou, que vem sendo questionada pelo Ministério Público, até nos surpreende porque o Ministério Público acompanhou e o Presidente Andrea Matarazzo, cada vez que tinha dúvida, insistia na convocação do Ministério Público no convite e nós fazíamos mais uma, mais outra e eventualmente alguém insistia que fosse feita na própria região e fizemos outra vez.

Quando foi a discussão de área expandida que até então não havíamos aprovado nesta Casa, e a oportunidade de expandir além do expandido que veio na lei, criando uma barriga na operação para que pudesse pegar o lado de Pirituba para que lá pudesse receber uma obra que até então nunca tinha sido votado nesta Casa, a inclusão de uma obra fora da operação urbana original, nós tivemos com o Prefeito, com a comunidade de Pirituba, o Vereador Eliseu estava naquele dia, o Prefeito se sensibilizou, trouxemos para o Presidente da Comissão de Política Urbana que entendeu que não deveríamos votar em hipótese se não fizéssemos mais uma audiência pública. O Ministério Público esteve presente, falamos e insistimos que íamos colocar. Essa situação era uma inovação, até então não tínhamos na nossa legislação, nunca tínhamos feito isso. O Presidente Andrea insistiu em fazer mais uma audiência, fizemos duas vezes na Casa, fora as feitas fora, e depois as demais junto com o Executivo para que tivéssemos nenhum risco de, de repente, uma obra dessa importância ser surpreendida por uma ação judicial e ficarmos parados, quebrando toda uma relação que tínhamos com a sociedade com relação de confiança. As pessoas estavam aqui, estavam conosco acompanhando e de repente sermos surpreendidos de calças curtas.

Sr. Presidente, quero cumprimentar V.Exa. pela cautela com que conduziu esse processo ao longo do tempo, a paciência que teve com o processo e a forma cuidadosa que a Comissão de Política Urbana conduziu para que pudéssemos chegar aqui depois de 16, 18 audiências públicas a essa situação que a justiça está questionando. Tem alguns que vão se manifestar, sabem as razões que levaram essa questão de priorizar obras. Nós entendíamos que tínhamos de priorizar algumas, outras não são mais necessárias, mas aquilo que está sendo questionado na justiça não vamos ficar discutindo agora, temos de aguardar a sentença

do juiz e cumpri-las.

Acho que foi um grande avanço. É muito importante que vocês saibam que não é comum, essa é uma ponte que não custa barato. A gente nunca sabe quando vai acabar, os problemas de percurso, mas na época era alguma coisa de 250 milhões e temos de esperar vem de CPACs, só no final do ano vamos ter a bolsa autorizando tudo isso. Vamos ter comprador para esse CPAC, com certeza. Esse dinheiro novo é que vai fazer essa obra nova, porque o dinheiro antigo vai cumprir com a obrigação que está na lei, daquilo que era da lei antiga e que ficou muito claro no plano.

A minha fala é muito mais no sentido de valorizar a participação muito importante de vocês e acompanhar nos ajudou muito, porque com o Ministério Público presente e da forma como foi, ficamos seguros que essa seria uma obra importante e que não seria alcançada pela justiça, até porque houve o consenso e o interesse público aqui está mais do que contemplado. Eu não tenho dúvida,

A minha pergunta é uma ansiedade da região da Lapa, porque se de um lado o pessoal de Pirituba que estão aqui e que estão lá comemoram a ponte, nós sentimos que do outro lado da ponte, o pessoal disse que teriam um problema de capilaridade. Esses carros e ônibus cruzam a ponte para o lado da Lapa e teriam uma enchente de veículos na Lapa. Os primeiros desenhos que vimos, Gustavo e Ricardo, ficamos preocupados porque parecia pouca rua para muito carro, quer dizer, ruas estreitas e trajetos longos. Não é? Trajetos longos que levavam o fluxo até bem à frente da Lapa e depois voltavam outra vez pela Marginal, mas muito adiante. O que talvez pudesse levar o congestionamento de um lugar e levar para outro.

A gente vê que houve no projeto de lá para cá está mudando mesmo. Sou testemunha que a cada vez que vocês apresentam, temos sentido que tem evoluído. Então, o que queria ficar seguro é que não vamos ter do lado da Lapa esse tipo de situação, porque a preocupação maior era com desapropriações que fossem muito grandes e descaracterizassem a figura daquele espaço, e vocês mostraram que são pequenas as desapropriações. Como

estamos num momento muito importante do projeto, ainda tem tempo de fazer muita coisa e discutir muita coisa, tem muita gente especialista em trânsito. O Ricardo é um deles. Estou aqui protegendo a posição da subprefeita Jaqueline, porque o pessoal da Lapa tem trazido essa informação e essa ansiedade para Casa. A Câmara já recebeu inúmeras vezes pessoas que estão preocupadas. Essa é a minha pergunta é mais no sentido de tentar tranquilizar e ter a segurança de que não vamos ter esse impacto. Se puder responder a primeira, é uma fala preliminar, quero ouvir vocês. Mas essa angústia é de todos nós lá.

**(NÃO IDENTIFICADO)** - Bom, com relação a essa primeira pergunta, estou vendo algumas pessoas que estiveram num debate que fizemos na ACM da Lapa, que o senhor estava. Aquele debate foi muito importante, estávamos numa fase intermediária do projeto e realmente conseguimos melhorá-lo bastante. Então, as desapropriações do lado da Lapa praticamente se restringem àquele triângulo que mostrei, que é um triângulo com casas, sobrados, na maioria alguns galpões, é um dos lugares menos valorizados da região. O impacto não será muito importante, mas nós conseguimos com esse artifício de inserir um corredor de ônibus na John Harrison, foi o ovo de Colombo, ao mesmo tempo que a gente encurtou bastante a chegada no terminal da Lapa, portanto, vai melhorar muito para o usuário, a gente está melhorando bastante o trânsito nas duas pontes, Piqueri e Anhanguera. E eu tenho certeza, as simulações que fizemos nos modelos matemáticos, mostrou sim que o trânsito vai melhorar na região do Alto da Lapa. Vamos tirar veículos de circulação do Alto da Lapa e vamos melhorar muito a Marquês de São Vicente, para quem conhece a região sabe que é um congestionamento praticamente constante, já não tem mais hora de rush. Ele é diurno. Conseguimos fazer essa melhoria.

Em relação ao custo da obra, a ponte propriamente dita vai ficar mais barata do que esse valor e com isso conseguimos agregar alguns pontos. Não tem sentido fazermos essa ponte e continuarmos com enchentes na região. Vamos melhorar o sistema de drenagem e estender o sistema viário até o terminal da Lapa. Numa primeira abordagem, acho que

atendemos as inquietações, as preocupações dos moradores da Lapa. Já apresentamos em outras ocasiões, houve uma grande receptividade dos moradores de Pirituba e o debate não se esgotou. O próximo passo é uma audiência pública obrigatória porque vamos licitar a obra. O projeto já está na fase de projeto básico, portanto estamos aptos a licitá-lo. Então, antes de licitar, logo no começo de janeiro, haverá uma audiência pública, vamos convocá-la em uma auditório em que haja capacidade de atender um número grande de pessoas, de tal sorte que haja ainda contribuições e informações de técnicos ou moradores para que a gente possa aprimorar o projeto.

Em termos de programação, acredito que teremos condições de, obtendo a licença ambiental e resolvidos todos os problemas de interferências, estarmos iniciando essa obra no começo do segundo semestre do ano que vem.

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Por favor, Vereador Eliseu Gabriel e em seguida Sra. Antonieta.

**O SR. ELISEU GABRIEL** – Boa noite, essa ponte realmente é uma luta de muitos anos, talvez o pessoal da Lapa não sofresse muito o problema, mas para o pessoal de Pirituba é um sofrimento. É uma coisa tenebrosa o que acontece. As pessoas, principalmente na Raimundo Pereira de Magalhães, depois desses vários condomínios que estão sendo construídos, precisam esperar, dentro da garagem, para sair de manhã. Quer dizer, é dramática a situação que a população de Pirituba vive, mas também não dá para resolver o problema de Pirituba e causar problema na Lapa. A gente não pode vestir um santo e desvestir outro. (Palmas)

Então, nós temos que resolver esse problema. Realmente eu acho absolutamente justa a reivindicação do pessoal do Alto da Lapa. Lá é um bairro residencial, historicamente residencial. Todo mundo morou lá, escolheu morar lá e pagou para morar lá. Não dá para um projeto simplesmente acabar com o sossego e com a tranquilidade que as pessoas têm. Então, isso aí o projeto tem que contemplar também. Eu acho que já está contemplando. Nós temos

acompanhado. Eu fiz algumas visitas na Secretaria de Infraestrutura Urbana. A gente acompanhou e eu acho que agora esse projeto está bem melhor. Eu acho que dá para resolver ainda algum problema que possa acontecer.

Agora é importante a presença sempre firme da população. Esse é um momento de muita democracia no Brasil, que precisa ser aproveitado, para acontecer coisas como está acontecendo aqui. Agora o que eu queria dizer também é que a legislação brasileira, a questão dos recursos para se fazerem obras é tão intrincada, é tão confusa e tão difícil de entender, mas essa Operação Urbana Água Branca foi realmente uma decisão extremamente interessante, ampliar a área da operação urbana, porque isso tudo é uma arquitetura, é uma engenharia política que vai sendo feita, e há sensibilidade do Executivo.

Pela primeira vez em 2012, olhem só, a ponte de Pirituba é uma luta tão antiga, mas, pela primeira vez, em 2012, a eleição foi em 2012, é que apareceu em algum programa de governo. Pela primeira vez, apareceu a ponte como programa de governo. Até então, se falava, se falava e nada acontecia.

Então, eu queria dizer que a Câmara Municipal está muito presente nisso. Eu queria dar os parabéns à Comissão de Política Urbana, em nome do seu Presidente e do seu Vice-Presidente, Vereador Paulo Frange e Vereador Andrea Matarazzo, com o trabalho sério e dedicado que levaram nisso tudo.

Eu queria fazer agora uma pergunta aqui sobre o lado de Pirituba. Hoje já na chegada, passando pelo *shopping*, no sentido de Pirituba para dentro, já existe um enorme congestionamento ali. Existe um afunilamento da Avenida Raimundo Pereira de Magalhães, naquele farol na antiga Spama, na subida, logo depois do cemitério. Lá existe um afunilamento, porque foram construídos vários condomínios e esses condomínios não fizeram a certidão de diretrizes, que desse, que desse um alargamento na avenida.

Então, existem conversões à esquerda na avenida, que já tornam o trânsito absolutamente caótico. Então, eu fico pensando: “Vamos ter uma ponte, etc., mas vai haver um

gargalo ali na volta”. Quer dizer, ninguém vai conseguir chegar em casa. Vai piorar. Então, eu acho que teriam que pensar em alguma coisa, do que fazer logo após do *shopping*, porque ali está tudo já travancado, sem haver ponte. Imaginem quando houver a ponte. Então, eu acho que essa é uma coisa que tem que ser feita. Estão sendo iniciados outros condomínios ali, mais duas grandes torres ali, mais dois conjuntos e várias torres, que vão afunilar ainda mais, vão criar mais por problema ainda. Então, queria ver se o projeto pudesse levar em conta alguma coisa, para as pessoas não ficarem congestionadas, paradas, em cima desta ponte. É isso o que vai acontecer, se não tomarem esse tipo de medida.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Tem a palavra a Sra. Antonieta.

**A SRA. ANTONIETA** – Os senhores poderiam, por favor, dar uma espiada naquele vídeo? Ele está sem som. É o Sr. Prefeito e eu falando sobre a operação urbana. Eu gostaria que os ouvissem o que ele me respondeu.

- Apresentação de vídeo.

**A SRA. ANTONIETA** – Por favor, podem desligar. A população tem o direito de chegar a um Prefeito e perguntar como vão as coisas. O Sr. Prefeito sempre me tratou muito bem. Ele é muito educado, Nesse dia, ele devia estar com o ovo torto, porque ele me deu uma que não se fala para uma associação, afinal de contas, ele ganha para isto e ele administra esta Cidade. “Vá procurar o que lhe interessa, vai lhe procurar os fiscais, vai lhe procurar isso e aquilo”. Não, ele deveria dar uma satisfação de onde está indo o nosso dinheiro, porque, pelo que eu vi aqui, já se gastaram 253 milhões dos 673 que nós tínhamos, e a licitação é de 145 milhões. Ora, a coisa não está batendo muito. Se uma licitação é feita, ela tem que ser cumprida até o fim, por 143 milhões, agora vocês viram o que ele disse, no meio de uma porção de jornalistas, inclusive jornalistas presentes aqui: “Não, agora eu vou fazer outra licitação”. Ora, existe um contrato. Eu fui conversar com o diretor da Passarelli. Tudo está gravado, e ele disse: “Eu vou cumprir o contrato, eu vou fazer a canalização pelos 143 milhões

e mais 20% que eles já receberam, que dá quase 200 milhões”. Ora, se ele vai fazer, a Passarelli vai fazer, há uma licitação, há um contrato assinado, tem que ser feito, agora o Prefeito diz: “Não, eu vou fazer outra licitação”. Então, nós, a minha associação, ficamos no meio do quê? Esta audiência aqui, os nobres Vereadores fizeram o favor de fazer para nós, que eu agradeço muito a todos eles, deixa numa interrogação. Vem esse senhor e diz: “Não, há 253 milhões de gastos, sobram 420 milhões”. Se o Prefeito acha que ele vai gastar mais os 420 milhões para terminar, não, não vai terminar a obra. Ora, mas como que não vai? Se não vai, aciona a Passarelli, que assinou o contrato, ou então como é que fica? Faz uma licitação. Agora vamos fazer outra em cima. Daqui a pouco, uma terceira em cima, e o dinheiro vai todo embora. E as outras obras que estão segregadas?

Eu não sei. Vocês sabem, mas o dinheiro não é da Prefeitura, é das construtoras, outorga onerosa. Não tem nada com Cepacs e é um dinheiro que nós conseguimos segregar na Justiça para essas três obras. Então, que sejam feitas as obras. Até hoje, não foi feita nem a licitação da Auro de Moura Andrade, e muito menos se comentou da Avenida Pompeia. Nada foi feito até agora. Agora vão fazer uma licitação da Auro depois de um ano? Que deviam incluir também a da Avenida Pompeia, que é uma conjunção. Também não foi feita.

Então, tudo anda a passo de tartaruga para a Pompeia, para a nossa região. No fim, eu estou duvidando que essa canalização vai terminar. De repente, vão jogar até na Avenida, no Largo da Pompeia, o resto da água. Algum barquinho vai passear por lá. Eu acho que todo mundo, quando tem uma pretensão como vocês têm dessa ponte, tem que bater o pé. Aqui nós moramos. Eles estão de passagem apenas. Vão ficar dois, três anos, quatro, se ficarem, e vão embora; e nós vamos ficar com o abacaxi das inundações, sem a ponte, sem nada, porque a lei, no artigo oitavo(?) diz que, se o dinheiro não der para terminar essas obras nossas, com o dinheiro segregado, que eles vão gastar não sei como, que terão que vir um resto das Cepacs. Ora, se vier das Cepacs, têm que cumprir primeiro estas, e a ponte vai ficar para depois, para depois, para depois.

Então, como é que fica esse povo que está esperando há tantos anos? Ora, gente, nós temos que nos unir, bater o pé e exigir. A SP Obras não dá satisfação a ninguém. Há um ano, eu peço uma audiência e eles não concedem. O Dr. Gustavo não atende. Me atendeu ao telefone uma única vez. Não recebe, manda e-mail, como se a gente fosse empregados deles. É uma ditadura terrível. A gente não pode permitir que exista uma ditadura agora. Eu não sou política, não sou filiada a partido nenhum. Eu sou apenas uma pessoa que luta pela minha região e estou ao lado de todo mundo que luta por sua região. Agora vamos nos unir e vamos bater o pé. Não, tem que ser. O Prefeito está aí para administrar a Cidade e o dinheiro é nosso. Olha o IPTU que subiu. (Palmas)

Veja bem o quanto nós vamos pagar a mais. Esse dinheiro vai para lá. Agora se fala em milhões, em bilhões, e não sai nada?

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Muito obrigado, Dona Antonieta, defensora da Pompeia e da cidade de São Paulo, tantos anos batalhando aí pelas obras.

Tem a palavra o Sr. Jairo Glikson, da Amocity Lapa.

**O SR. JAIRO GLIKSON** – Srs. Vereadores, Vereadores Paulo Frange, Eliseu Gabriel e Matarazzo, demais membros da mesa, senhores e senhoras presentes, boa noite. Eu represento a associação dos moradores da City Lapa e eu venho aqui para alertar de um grande equívoco que está acontecendo. Então, o que eu gostaria de deixar claro é que nós, moradores da City Lapa, não somos contra a construção da ponte. Nós entendemos que é uma necessidade, é uma reivindicação do pessoal de Pirituba e do pessoal de Perus, que tem que haver. Eles merecem essa ligação, porém, a forma como essa ponte está sendo construída, a forma como está o desenho dela, numa única reta, no sentido direto para o centro da Lapa, é um grande equívoco. Por quê? Porque quando se chegar ao centro da Lapa, ali existe o gargalo dentro dos bairros e das ruas. Eu pedi para que se pudesse colocar...

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – O tom que foi usado é bem desagradável. Aqui a gente fez audiência pública para todo mundo falar. Temos 20 pessoas

inscritas. Se cada uma falar dez minutos, o que vai acontecer? São 200 minutos. Vamos sair daqui meia-noite. Eu imagino que não seja o desejo de todos.

**O SR. JAIRO GLIKSON** – Nobre Vereador, desculpe. É só um mapinha, que eu acho que vai elucidar bem.

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – O mapa pode pôr.

**O SR. JAIRO GLIKSON** – Não é uma apresentação. São dois pontos só. Eu agradeço. Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – É que temos que dar tempo para todas as pessoas se manifestarem.

**O SR. JAIRO GLIKSON** – Então, o que acontece? A gente está apresentando inclusive uma proposta, uma alternativa que vai ajudar o pessoal de Pirituba e vai ajudar o pessoal da Lapa. Nós nos reunimos, junto com o pessoal da Amos(?) City, e nós chegamos.

Aqui, se vocês derem uma olhada no mapa que nós criamos – meu *powerpoint*, minha ponta não está chegando -, ali no fim da Raimundo Pereira Magalhães tem o túnel que já foi mostrado, e nós conseguimos marcar vários gargalos ali na região da Lapa. Ora, do ponto de vista só do transporte público, dos ônibus, talvez seja uma opção, como o senhor falou. Porém nós não podemos só analisar do ponto de vista do transporte público. Ali existe um fluxo enorme de carros particulares também, que vão adentrar essas ruas e não tem saída.

Fora isso existe o seguinte: o pessoal que quer acessar a Lapa de Baixo, por esse caminho não há acesso à Lapa de Baixo; ele precisa cruzar todo o bairro da Lapa, pegar a ponte para lá, chegar quase no prédio da Polícia Federal e voltar para acessar a Lapa de Baixo.

Nós temos outro problema também que é o impacto direto na Vila Anastácio. Nós já sabemos que a previsão das construtoras, das incorporadoras, do capital especulativo é de cinco mil unidades residenciais nesse pedaço da Vila Anastácio.

Diante de todos esses problemas, nós chegamos à seguinte conclusão. Por favor,

só a nossa proposta ali. A Amos City pede que esta ponte tenha pelo menos duas alças de acesso para cada lado. Não havendo possibilidade da alça de acesso, a possibilidade seria que essa ponte tivesse saída para o lado direito, para quem vai para a Marginal Pinheiros, e tivesse acesso também para o lado esquerdo, saídas como tem a Ponte da Anhanguera. Porque é muito melhor para quem volta e para quem vai para o lado de lá que tenha não uma única opção, mas três, quatro ou cinco opções de saída. Do jeito que está, a opção é única, vai impactar diretamente ali no centro da Lapa. Então a gente entende, conversando com os moradores, com o pessoal de Pirituba, que deveria ter, se não for a alça, pelo menos duas saídas da ponte para a esquerda, dando uma alternativa para as pessoas.

Finalizando minha explanação, fica uma pergunta para os vereadores, para quem está presente aqui, com relação a verba. Existe uma coisa chamada *compliance*. A *compliance* é uma lei que não permite... Já ficamos sabendo que os recursos dessa ponte vêm por meio de Cepacs. Nós já soubemos também que houve uma publicação em *Diário Oficial* da previsão de três bilhões de reais em Cepacs. Pela lei de *compliance*, nenhuma empresa que está envolvida em questões de corrupção, de ilegalidade, pode comerciar papéis, valores ou títulos na Bolsa de Valores, na CVM ou na Bovespa.

Pelo que nós conhecemos, ali tem uma grande incorporadora internacional, que sequer é brasileira, portanto os lucros não ficam aqui no meu país, essa construtora multinacional é ré confessa no escândalo aí que todos sabem. Então como é que vai ser emissão de Cepac numa empresa que não é brasileira, cujo lucro não fica aqui na minha pátria, é remetido para o exterior? Como é que nós vamos emitir títulos se eles não pagam nem ISS? Então fica aí a pergunta para os demais.

Obrigado. Desculpem qualquer coisa. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Andréa Matarazzo)** – O fato de ser estrangeira não tem nenhum impeditivo, isso não é impeditivo. A questão das ilegalidades é outra conversa.

O senhor fez muito bem, Sr. Jairo, de lembrar a essa gestão. A gente sempre tem

que lembrar que existem automóveis particulares na cidade de São Paulo. Só ciclovía não vai resolver todos os problemas.

Sra. Ana Paula Soares, moradora de Água Branca. Peço que fique nos três minutos, pelo amor de Deus.

**A SRA. ANA PAULA SOARES** – Boa noite. Após um ano de aprovação da Lei da Allcab, com o dinheiro disponível no banco, as 630 unidades habitacionais destinadas aos moradores das antigas favelas Aldeinha e do Sapo, e que recebem auxílio aluguel há cinco anos, prevista na Operação Urbana Consorciada Água Branca ainda não saíram do papel, também não há previsão pela Prefeitura do início da reforma e requalificação emergencial dos conjuntos Cingapura, Prover, Mutirão e Vila Dignidade. Essa reforma coloca os moradores da comunidade em risco, pois há anos as telhas estão soltas, os rebocos estão caindo, a caixa d'água ainda é de amianto e estão destampadas, e ainda inunda a comunidade quando chove".  
Quero saber por que temos que aguardar a primeira verba de 2015? Quando a verba vai sair? E qual é a dificuldade pra começar? Já temos um ano e alguns dias que a lei foi aprovada.

É só isso.

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Muito obrigado. Eu me esqueci de lhes dizer que as inscrições estão encerradas.

Tem a palavra a Sra. Jupira Cauhy.

**A SRA. JUPIRA CAUHY** – Vou usar os três minutos dela, que sobraram.

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Está bom. Lembro-me da senhora desde a Francisco Matarazzo quando falava. Falava e fala bem.

**A SRA. JUPIRA CAUHY** – Na verdade, sou moradora da Água Branca e quero reiterar a fala da Ana Paula.

Acho que a apresentação do Sr. Ricardo da Sehab foi um pouco confusa e imprecisa a respeito das prioridades do art. oitavo da reforma emergencial dos conjuntos da comunidade da Água Branca e de construção de 630 moradias.

Queria começar pelo que o Gustavo disse sobre o bloqueio da verba, que estava destinada na Lei da Operação Urbana para a reforma emergencial. Só que também no Grupo de Gestão foi discutida a possibilidade dessa reforma ser iniciada com verba da Sehab e depois ser feita com a verba proveniente do art. nono, com a venda de Cepacs. O problema é que faz um ano e alguns dias - como disse a Ana Paula - e Sehab não providenciou nada, absolutamente nada nem em relação à reforma emergencial nem em relação ao início de alguma coisa das 630 moradias, que são destinadas as famílias, e que já eram direito previsto desde a lei de 95. Então as 630 moradias das favelas do SAP Aldeinha é direito que as famílias tinham e que o poder público, desde então, nunca garantiu.

Enfim, quero reforçar que as informações que obtivemos a respeito do andamento dos dois projetos, só obtivemos porque a comunidade foi ao Ministério Público e hoje a 3ª Promotoria de Justiça e Habitação está acompanhando. Foi numa reunião com a promotora que Sehab apresentou o que vai fazer porque no Grupo de Gestão, nas reuniões do Conselho de ZEIS, não foi apresentado.

É muito chato registrar isso aqui, mas acho que esta audiência pública comemora um ano da aprovação da lei. Como vocês todos lembraram, foi uma revisão de lei com muita participação social e fundamentalmente batalhamos muito para que essa reforma acontecesse. Infelizmente estamos vendo a ponte saindo, uma série de coisas saindo. Então vou pedir pra que a nossa reforma vá pra SIURB, acho que sairá mais rápido.

Seria importante que houvesse a priorização, de fato, da necessidade dessas famílias.

Obrigada!

(Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Por nada. Mas a senhora está otimista, onde a ponte está saindo?

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Está aqui, está só no *power point*.

Vamos lá, Sr. Fernando Mourão, morador da Lapa.

**O SR. FERNANDO MOURÃO** – Boa noite a todos. Sou morador da Lapa.

Primeiramente, quero me desculpar com o Presidente da Comissão, a gente chega aqui um pouco nervoso...

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Está tudo certo, é compreensível.

**O SR. FERNANDO MOURÃO** – Chega nervoso e indignado com algumas coisas que acontecem todos os dias com a gente. Haja vista o novo Plano Diretor, uso e ocupação do solo que não foi discutido com todo mundo, com a população, só com uma parte, transformando bairros que são estritamente residenciais, querendo acabar com o pulmão de São Paulo. Inclusive, liberando a construção de prédios sem limite de altura. Eu fico bem indignado porque o mesmo está acontecendo com essa ponte, não é chamada a outra parte pra discutir.

Há alguns anos estão discutindo o projeto, esse projeto é mostrado de Pirituba até o buraco do trilho do trem, mas do trilho do trem pra dentro da Lapa, não foi discutido. Eu sou morador antigo do bairro, nunca fui chamado. Conheço várias associações de moradores que nunca foram ouvidas. Eu até ia falar algo sobre o projeto, mas depois que eu vi o projeto hoje, aqui apresentado, fiquei ainda mais indignado. Quem conhece a Avenida John Harrison sabe que não serve pra fluxo de veículos, para o trânsito, conforme está sendo previsto. São duas faixas, e pra quem vem do centro da cidade e quer pegar pelo Mercado da Lapa, aquilo ali já é um caos no fim da tarde. E não estou nem falando do fluxo de Pirituba pra dentro, estou falando de dentro pra Pirituba, de quem chega do centro da cidade, de cima, do Alto da Lapa, não vai conseguir acessar. Aquilo vai virar um caos, as ruas são muito estreitas, sempre esbarram nos quarteirões. Um exemplo é a Avenida Mercedes: ela sobe, esbarra num colégio, você tem de voltar pra pegar o Alto da Lapa, então, vai parar.

Existem empreendimentos sendo feitos na Vila Anastácio onde vai ser o novo

CEASA. Aonde era a fábrica da Sadia, que não existe mais, vão ser construídas 12 torres, se não me engano, com 40 andares, e fora os outros prédios. A Alstom vai sair de lá, vai ser um condomínio. Aquilo tudo vai ser condomínio, aquilo vai parar.

A minha pergunta é a seguinte: existe estudo de impacto ambiental? Cadê o estudo de impacto no trânsito? Proponho ao engenheiro que projetou essa ponte que se reúna com os moradores da Lapa, os grandes interessados, juntamente com os moradores de Pirituba, porque sabemos que Pirituba é digna dessa ponte, que é uma reivindicação antiga. Não sou contra a ponte, acho que tem que sair, mas o projeto tem que ser mais bem elaborado.

É isso.

(Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Muito obrigado. É interessante a sua observação porque, no fundo, quem sabe como funciona o lugar é quem mora ou trabalha no lugar. Seria interessante uma melhor discussão sobre o projeto.

Agora Sr. Carlos Eduardo Minniti, Conselheiro de Metas da Lapa.

**O SR. CARLOS EDUARDO MINNITI** – Boa noite pessoal, boa noite Andrea Matarazzo, e cumprimento a Mesa. Eu sou praticamente o último Conselheiro de Metas que vocês vão ver já que o Conselho de Metas está praticamente extinguindo. Talvez na próxima gestão tenhamos novamente metas.

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Deixe-me perguntar: o que é o Conselho de Metas?

**O SR. CARLOS EDUARDO MINNITI** – Sempre o senhor faz perguntas pra comer o meu tempo... (Risos)

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Esse tempo não está contabilizado! Fale rapidamente...

**O SR. CARLOS EDUARDO MINNITI** – A rigor, deveríamos fiscalizar as próprias metas autoimpostas pelo Prefeito. Como foi na época do Kassab...

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – E aquele negócio da Nossa São Paulo?

**O SR. CARLOS EDUARDO MINNITI** – Não, não. Nós somos conselheiros...

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Não, eu sei. São aquelas metas estabelecidas, que aquela ONG criou e aí a Prefeitura estabeleceu...

**O SR. CARLOS EDUARDO MINNITI** – É, incorporou.

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Estou esperando a Nossa São Paulo cobrar esta Gestão sobre as metas porque nunca ouvi ninguém mais falar sobre isso. Agora eu já sei o que é.

**O SR. CARLOS EDUARDO MINNITI** – Exatamente, exatamente.

Por exemplo, fazendo parênteses sobre o que o senhor está falando, o Observatório da Cidade era uma das primeiras metas da nossa gestão e até agora não vimos nada. Não quero me alongar nas promessas.

Hoje só discutimos metas, mas lembro das primeiras audiências, Prof. Eliseu Gabriel, quando o senhor nos chamou lá em Pirituba para fazermos audiências sobre a Ponte Pirituba. Ali eu já alertava, eu me considerava um estranho, e hoje estamos mais à vontade, estamos aqui meio a meio. Nós devemos ver o lado de lá.

Todos viram o vídeo, eu coloquei no Facebook pra todos verem, pra não só considerar o lado de cá porque agora veio à discussão. A ponte é supernecessária, pessoal. Eu, pelo menos, tenho de ir para o lado de Pirituba quatro vezes por semana e também sou atingido, mais ou menos, de cinco a seis vezes por semana na minha empresa, é o pessoal que vem lá de Pirituba.

Afora isso, vamos ter de rever meta do governo passado, que era o Centro de Convenções de Pirituba, que vai dar grande incremento na região, e que agora está meio esquecida. Mas assim que tivermos o Centro, essa ponte também vai ter que estar pronta.

Há uma série de fatores que exigem a luta do povo de Pirituba e também do povo

da Lapa que têm o maior interesse, lógico, com todas as observações que as associações fizeram.

Um grande abraço.

Feliz Natal, próspero Ano Novo ao pessoal da Lapa, que está nos vendo porque não conseguiram chegar aqui.

(Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Muito obrigado.

Tem a palavra Josivaldo Nascimento da AZON – Associação Zona Oeste-Noroeste de Futebol de Várzea.

**O SR. JOSIVALDO NASCIMENTO** – Boa noite senhores da Mesa, boa noite a todos.

Primeiramente, foi um prazer conhecer a Dona Antonieta, não a conhecia, mas acho que a briga da senhora na Operação Urbana Água Branca se deve muito ao programa do Meira, na Rádio Tupi. Várias vezes eu lá estive presente e a senhora sempre falando com ele, pelo telefone, sobre a Operação Urbana Água Branca. Muito prazer.

Há consenso com o pessoal da Lapa – eu sou de Pirituba -, nós concordamos com a Ponte de Pirituba, mas o maior crime que nós achamos quando conversamos foram os prédios, a nova cidade que está sendo construída na Vila Anastácio. Vai ser um absurdo, o pessoal disse que tem até fonte de água na região. Nós vamos então brigar juntos pra melhorar a situação das torres na Anastácio.

Do lado de Pirituba, o desenho aqui mostrado atinge o campo do São Bento. Nós brigamos pelos espaços públicos da cidade de São Paulo para a prática de futebol, espaços cada vez menores. Gostaria que revissem o projeto para não *pegar* parte do campo do São Bento, sendo que do outro lado tem uma obra. Mas como o poder econômico fala mais alto, o Shopping Tietê Plaza está funcionando sob liminar, está no Ministério Público, e acho que poderia ter alternativa pra espaço que está irregular ou estão devendo alguma informação

decente daquele espaço.

Agradeço a todos.

Boa noite.

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Muito obrigado, Sr. Josivaldo.

Agora é a Sra. Cleide Coutinho, ex-presidente Conseg Lapa

**A SRA. CLEIDE COUTINHO** – Boa noite a todas as autoridades, moradores da Lapa, de Pirituba.

O pessoal de Pirituba já me conhece. Na época, quando a ponte estava no embrião, uma luta do Vereador Eliseu Gabriel, nós fomos numa audiência pública já preocupados com as colocações que o nosso colega da Lapa trouxe, o Jairo. Que é a questão de na construção, na ideia, na luta, de estar chamando o povo da Lapa para poder participar dessas questões em conjunto. Porque na época estávamos lutando contra o grande adensamento, eram vários movimentos e estávamos acreditando que um centro de convenções iria trazer a ponte, que precisava ser mais adequado e discutido com as necessidades da Lapa, mas era só um sonho, um embrião, Vereador Eliseu.

Aí conseguimos. Com essa luta o Eliseu conseguiu colocar dentro da operação urbana. Só que estamos preocupados, Vereador, porque ficou naquele projeto antigo. E foi aprovado o plano diretor da Cidade e não esperávamos esse desastre em São Paulo. A Lapa praticamente será adensada. As partes que eram estritamente residenciais, aqueles empreendimentos como na Vila Anastácio já terão prédios, até na Aurélia.

Então já mudou a situação, o que era preocupação como o conselho de segurança do centro de exposição de Pirituba, do turismo e de toda aquela grandiosidade que o Prefeito Kassab estava propondo à época nos projetos, agora nossa preocupação é com esse grande adensamento. A Lapa vai ficar acuada por todos os lados. Eu acho que realmente contribuiu bastante, o Jairo, o Fernando, e a Lapa e os moradores tem muito que contribuir, Vereador. Sugiro mais audiências e que seja estudada a questão da possibilidade das alças.

Outra questão, Vereadores, essa postura do Prefeito com a nossa representante da Associação de Bairros foi muito feia. Não se fala assim com uma Presidente de uma associação, que é uma lutadora pela operação urbana Água Branca e que todas as vezes esteve participando das audiências. Devemos muito a ela essa fiscalização, porque pouco se entende de como controlar o dinheiro público, desse adensamento todo quem está pagando o pato são os moradores.

Então mais respeito com ela. Gostaria de deixar aqui o meu protesto e a nossa solidariedade à Dona Antonieta. Muito obrigada.

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Muito obrigado, Sra. Cleide. Tem a palavra o Sr. Sérgio Saradioto, morador da Lapa.

**O SR. SÉRGIO SARADIOTO** – Boa noite à Mesa, quero agradecer a oportunidade, senhoras e senhores, quero enfatizar o assunto da ponte, também sou morador da Lapa, e o projeto mostrado como foi é um grande equívoco, por quê? Ela acabou de falar da situação da Vila Anastácio. O rapaz falou de oito ou doze torres no antigo terreno da Sadia. Na realidade são vários empreendimentos na Vila Anastácio. Já pude constatar que serão mais de 30 torres naquele pedaço da Vila Anastácio. Estamos falando de torres que tenham 20, 15, 10 andares, estamos falando de duas, três mil pessoas adensadas naquele lugar.

O projeto fala de quatro pistas naquele trecho da Raimundo Pereira de Magalhães, entre a Marginal e o pontilhão. Do jeito que foi apresentado no projeto, que terá só aquela desapropriação ali no comecinho da Marginal, para chegar até o pontilhão, não sei como serão feitas quatro pistas ali. Há um Quartel; a Alstom, antiga empresa que fazia ou faz os trens do Metrô, não sei, e o pontilhão. No pontilhão hoje passa um carro. Vão aumentar o pontilhão para passarem quatro carros? Vão ter duas pistas para ir e duas para voltar. Eu quero viver para ver isso.

Agora, saindo um pouco da ponte. Voltando ao assunto do plano diretor, gostaria de enfatizar também o que a menina falou. Rezo a Deus para que as pessoas que estão

impondo o plano diretor, porque pelo que estamos vendo vamos ter de engolir isso goela abaixo. Parece que a coisa já está pronta e é isso e acabou. Vamos entregar a Cidade para as empreiteiras, para as construtoras. Vamos fazer da Cidade um paliteiro e vamos acabar com o verde da Cidade. Então rezo para Deus, que essas pessoas sejam iluminadas e pensem bem antes de fazer esse tipo de coisa.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Muito obrigado. Interessante, Sr. Sergio e todos que estão aqui, realmente temos brigado muito com o plano diretor. Deu para melhorar, mas obviamente longe do que precisava. E agora temos o plano de uso e ocupação de solos, zoneamento, o que para mim é muito mais crítico e delicado, principalmente porque tenho ouvido nas rádios essas coisas de querer mudar os bairros estritamente residenciais para zonas predominantemente residenciais. Aí vão dizer que é só uma questão de palavras, mas sabemos que não é.

Então é ficarmos atentos. Vamos fazer muitas audiências públicas pelo Legislativo, como foram feitas outras vezes e teremos espaço para discutir. E agora com vocês, senhoras e senhores, o Sr. Laerte Brasil, da Uni São Paulo.

**O SR. LAERTE BRASIL** – Presidente da Uni São Paulo Trabalho e Empreendedorismo. Vou começar, em 2013, na cidade de São Paulo, foram mortos 1.620 cidadãos e cidadãs em acidentes de trânsito; 620, numa faixa etária de 65 anos acima e dos mil, 40% foram mortos nas madrugadas por uso de álcool, drogas e entorpecentes.

Esse número de mortes, em São Paulo, supera o número em Israel e da Faixa de Gaza, em 2013, que estava em guerra constantemente. Isso pôs a cidade de São Paulo em primeiro lugar no ranking de violência no trânsito.

Sem dúvida nenhuma, para manter a cidade de São Paulo em movimento, defendemos até o ano de 2030, 500 quilômetros de metrô. Para ter uma ideia, Londres tem o sistema de metrô mais avançado do planeta, são 500 quilômetros e transporte 1 bilhão de

passageiros anualmente. E o Prefeito da cidade de Londres acabou de aprovar um aporte de 30 milhões de dólares para construir mais 200 quilômetros de metrô.

Mas venho parabenizar a intervenção, a ponte de Pirituba até a Lapa é uma reivindicação de mais de 30 anos dos munícipes daquele território. E nas audiências públicas do plano de metas e do plano diretor eu tornei a apresentar essa tese da construção da ponte. E quando o Kassab estava na Administração houve uma audiência pública sobre Pirituba neste mesmo auditório, e eu fiz uma intervenção sobre a construção do Centro de Convenções e assim construíram também um grande parque comercial de empreendedorismo para gerar novos empregos e renda para aquele território. Há territórios ali na região de Pirituba em que mil cidadãos, um verdadeiro absurdo, estão disputando uma vaga de emprego.

E para encerrar a nossa intervenção, defendemos não só o centro de Pirituba, mas a construção de uma arena de esportes de alto rendimento, pelo menos para 60 mil telespectadores e a construção de novos empreendimentos hoteleiros ali na região.

Defendemos também o projeto da ponte e cumprimentamos o Presidente desta Comissão, Andrea Matarazzo, os Vereadores desta Comissão, autoridades da Mesa, todas e todos aqui, especialmente os internautas que estão ouvindo as intervenções da sociedade civil, principalmente em políticas públicas e mobilidade urbana presente e futura da cidade de São Paulo.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Muito obrigado, Sr. Laerte Brasil. Agora, o Sr. Ricardo Pradas, Arquiteto Urbanista, especialista em trânsito.

**O SR. RICARDO PRADAS** – Boa noite à Mesa, Comissão, Srs. dos órgãos, Ricardo, prazer vê-lo novamente, muito do que vinha falar aqui o Jairo já falou. E vou tentar apontar algumas preocupações para a gente que não consigo ver, mesmo com o que o Ricardo da SP Obras falou.

Quando vi o desenho da ponte achei que teria uma desapropriação muito maior na

John Harrison. E hoje, quem conhece lá sabe que há duas faixas de rolamento, não sei como vai caber só com aquela desapropriação na curva, quatro faixas de rolamento sendo que duas delas são para ônibus. São três, mas duas para cada sentido na John Harrison.

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. RICARDO PRADAS** – Duas e uma.

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Tem ciclovia?

**O SR. RICARDO PRADAS** – Acho que não. Mas a preocupação maior é de outra ordem. Há uma quadra aqui com essa concepção que vai virar uma alça de ponte na prática para quem mora no Anastácio. E é uma quadra em que já estão sendo construídas algumas torres vendidas como a última reserva da Lapa. E não contaram que seria uma alça de ponte.

Há alguns problemas que vejo que poderiam ser modificados, melhorados. Poderia se pensar numa alça tipo como era a Ponte do Morumbi, onde se cai direto no expresso. Uma parte desses veículos, com certeza, que vão acessar a Marginal podem pegar um ramo desses, como é na Ponte do Morumbi sem passar pelo meio do bairro.

Então são condições que precisam ser melhoradas em relação à concepção que auxilia o bairro, embora possa ter outro valor.

Preocupo-me também com a situação da Auro Soares. Com a abertura da Arena Palmeiras, com certeza, vamos ter algumas interdições por ocupação da população e de quem estiver nos shows. E a Auro Soares era uma alternativa viável para fazer algum desvio, para o trânsito e a Cidade não pararem. E isso não está delineado, está atrasado na situação.

Então é outra preocupação que precisaria ter um andamento muito maior. Esse contato com a CPTM precisaria ter uma agilidade muito grande, principalmente da Secretaria, para que a Auro saísse, porque isso acaba prejudicando não só a zona Oeste pela ligação Leste/Oeste que existe, já estavam discutindo antes sobre o Minhocão, imaginem com esse tipo de intervenção no meio.

Como o Jairo já falou muito mais do que eu já pretendia, acho suficiente, mas cinco

mil veículos a mais, eu gostaria de saber se estão na conta da simulação que foi feita todos esses veículos que são dessas torres projetadas pelo local. Essa é uma conta que precisa ser feita e precisa deixar claro no portal da transparência, no portal da operação urbana, para que não se tenha essa dúvida. É isso.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Muito obrigado, Ricardo Pradas. Agora, Sra. Cyra Malta, do Fórum Suprapartidário.

**A SRA. CYRA MALTA** – Boa noite a todos. Sou moradora da Vila Ângulo e durante “muitos anos moradora da região do Alto da Lapa e funcionária da Subprefeitura Lapa”. Causa-me estranheza a gente não discutir, por exemplo, a questão do impacto acumulativo e do impacto e do impacto ambiental. Essa galerinha, que passa lá é parte de um córrego que desce da Mercedes. Que passa no quartel do Exército. Bacana. A galeria, que vem lá da Mercedes, uma boa parte dela ainda é de tijolinhos. Eu não sei como é no Exército, mas todas as vezes que fui lá conversar com o pessoal me dá a sensação que ela ainda é de tijolinho. Em plena crise de água, a gente não se preocupa com a água porque quem vê a galeria passando na Mercedes, quando cai a galeria de tijolinhos você consegue ver água limpa, correndo na galeria de tijolinho que passa na rua da Mercedes. Tem uma questão de ordem de prioridade. Não tenho nada contra ponte, em absoluto, estou pensando é em termos de bairro, em termos de característica de bairro lembrando que a nossa briga em relação a operação Água Branca, foi longa, a expansão do perímetro tinha a ver com as obras relacionadas à água e drenagem. A parte desses problemas já foi. Passado é passado. Mas temos uma questão que ali John Harrison, a gente já não tem calçada de um lado, tem as linhas de trem, é impressionante que todo mundo vem de Pirituba para cá, mas você tem a Estação Domingos de Moraes, tem a Estação Lapa, não tem a conexão da Estação Lapa, junto, que são todas as obras do Estado que não andaram, que são necessárias serem pensadas as reformas das estações, a conexão da Estação Lapa, com as linhas, porque você tem de passar, passa pela Lapa, vai lá para a

Barra Funda para poder voltar, dependendo para onde você quer ir. Então você tem um problema ali na Lapa, quando você desce, você não tem calçada para caminhar porque já foi feito um alargamento para passar mais carro, eu passo ali, desde pequenininha porque morei na Gago Coutinho, quando era bebê. Ali a mudança da paisagem não consigo enxergar três lugares para passar dois ônibus, um carro, e aquelas casinhas que tem uma fixada antiga, aí vou resgatar uma coisa que a Rosemary, sempre falou aqui, que é o patrimônio que a gente tem histórico industrial da nossa região. Aí vou ficar sem calçada, porque a lambidinha na fachada das casas ali, não são quaisquer casas. São casas que tem uma fachada antiga, não sei nem se tem baldrame, sabe aquela coisa que a gente já tem concreto, que ali é antigo. O impacto acumulativo é algo que temos de rever. Vai colocar a ponte, olha que sou ciclista, quero mais que a bicicleta chegue, porque atravesso para lá e para cá ...

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo) –** Ciclista, não ciclo ativista?

**A SRA.** \_\_\_\_\_ - Não! Ciclo ativista. O senhor sabe disso. O senhor já mim viu aqui defendendo as ciclovias. Então as ciclovias na ponte é uma iniciativa bacana, importante para aquela região, mas acredito que o traçado, ele tem de respeitar a história do espaço, tem de pensar o impacto acumulativo e tem outras obras prioritárias mais importantes. Ainda mais com a arena do Palmeiras, hoje, obras atrasadas, obras que vem desde 96, que não aconteceram. Impacto acumulativo, acho que tem de ser olhado a história do espaço e respeito as questões ambientais. Não é porque está canalizado, que ele não existe. Obrigada!

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo) –** Estava falando para o Vereador Paulo Frange, a Sra. Lidia Correa, ex-vereadora, moradora de Pirituba, o Paulo Frange, desde quando o conheço, fala dessa ponte de Pirituba. Se não saí agora, entre ele e o Eliseu Gabriel, acho que nunca mais. Eu também era pequenininho quando o Paulo Frange começava a falar nessa coisa. Acho que agora vai.

Como são importantes essas audiências públicas e como a gente aprende com as pessoas que moram, trabalham e se interessam pelo lugar.

Passo a palavra a Sra. Lidia Correa.

**A SRA. LIDIA CORREA** – Cumprimento o nobre Vereador Paulo Frange, Vereador Andrea Matarazzo, Vereador Eliseu Gabriel e demais Vereadores, e cumprimento a todos que participam, na pessoa da Dona Antonieta que tem dado um exemplo do exercício da cidadania, e eu fiquei bastante admirada e com admiração pelo trabalho dela e de todos que participam dessa audiência pública e da campanha toda que muitos aqui participam e realizam.

Somo aqui às manifestações sobre o plano diretor, essa preocupação com o adensamento da Cidade de São Paulo que o plano induz, permite. Foi colocado isso e várias audiências públicas, infelizmente não vimos alteração necessária para isso e com as audiências publicas a Lei de Zoneamento também onde não sinto a mínima condição espaço para que possamos conhecer e questionar a nova proposta de zoneamento, mas o que quero colocar aqui é sobre a ponte Pirituba/Lapa. Na verdade, essa preocupação não é apenas dps moradores da Lapa, mas do pessoal de Pirituba também. Não vai apenas aumentar o transito n a Lapa, vai também afetar a nossa região. E quando reivindicamos essa construção da Ponte, em todos os momentos se pensava em ter acesso a Marginal, pelo menos. Ter algum acesso a Margina. Jamais imaginávamos que ia fazer uma ponte ligando apenas a Raimundo, a outro lado da Lapa. Foi colocado aqui que tinha e outros estudos, eu gostaria que fosse apresentado, então os outros estudos para que possamos ter uma avaliação. Porque não o acesso a Marginal, pelo menos? É um custo maior? É um tempo maior? O que impede fazer esse acesso pelo menos na Marginal, ou outros melhores estudos. Lembro que a Raimundo Pereira de Magalhães será a única ligação ao Rodoanel. Essa via, além de todos os problemas que foram levantados aqui, vai ter esse outro problema. Isso já vem sendo reivindicado, o alargamento da Av. Raimundo Pereira de Magalhães, também é uma reivindicação antiga em toda extensão dela, até Perus, pelo menos, ou até o Rodoanel. A ponte tem de ser pensada sob esse aspecto, também do Rodoanel, isso pode ser visto, talvez como uma obra, também acoplado ao Rodoanel. Ter outros recursos, se for o problema de custo. Mas acredito que

pensar essa obra, essa ponte apenas no ponto de vista local não pensar no viário todo da região, no impacto todo e uma obra mais a médio, longo prazo. Acredito que esteja errado. Temos de repensar isso. Não é um custo maior pensar um projeto maior, pensar um projeto melhor eu queria colocar então, trazer aqui essa preocupação e essa reivindicação que seja feito um projeto mais elaborado, mais pensado e de fato com um planejamento maior com impacto maior para que ela possa ter o efeito e o resultado que a gente gostaria, precisa, e tem condição de ter.

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Com a palavra o Sr. Paulo Heleoterio, do jornal gazeta de Pirituba e movimento Ponte Pirituba já.

**O SR. PAULO HELEOTERIO** – Boa noite a todos os presentes. Queria lembrar aqui em uma audiência com o nobre Vereador Paulo Frange, onde o Sr. Prefeito fez a proposta de inclusão do viaduto da Raimundo Pereira de Magalhães nessa obra da Água Branca, o prefeito disse que ficava muito feliz se sentia contemplado com essa obra, Vereador Paulo Frange, lembra disso. Dizendo que toda a infraestrutura da Cidade de São Paulo chegava até o Rio Tietê e morria ali. Hoje é muito claro essa diferença quando você consegue ver as duas realidades. Na verdade, é o seguinte. Estamos falando aqui de um problema, e é muito justa a preocupação do pessoal da Lapa, mas estamos falando aqui de um problema antigo que tem em nossa região que é um problema de se locomover. A Raimundo Pereira de Magalhães não cresceu só do outro lado, mas hoje é um monstro de ocupação imobiliária. Tem lá o prédio onde era o Banespa, foi comercializado, será outro empreendimento monstruoso e quem mora no portão dos bandeirantes, às vezes demora de 20, 25, 30 minutos para sair de dentro de Casa de manhã. A mim particularmente, vamos conversar com as pessoas, não satisfaz o projeto apresentado, é um esforço, é um avanço, mas não satisfaz na medida em que não cria alternativas. dentro da visão do prefeito, na época, de que seria importante a infraestrutura adotar aquilo de polo de desenvolvimento, não satisfaz porque ele joga o problema dali para frente. São Paulo está cansado de problemas de jogar ali para a frente. Nos falamos aqui do

Palmeiras, mas tem o problema do Shopping Bourbon, tem o problema da desapropriação da área da família Matarazzo, e aí, vamos sempre jogando o problema para frente nunca procurando uma solução conjunta. Hoje, acredito que uma solução seria conversar uma alternativa, seria conversar aqui com a comissão, com os moradores da Lapa, com os moradores de Pirituba, e com o pessoal da SPObras para tentar encontrar uma alternativa que seja pelo menos um pouco mais próximo da nossa realidade, Era só isso.

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Com a palavra o Sr. Laurindo.

**O SR. LAURINDO** – Boa noite a todos. Cumprimento os membros da Comissão de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente. Fui vereador aqui, a Lidia Correa também foi Vereadora dessa Casa, representando a cidade, mas com um foco muito grande na região da Lapa, Pirituba, Pompeia, Jaraguá/Perus e Freguesia do Ó. Há um esforço, de muitos anos, de todos nós, no sentido de que faça melhoria no viário o que se discute essa noite. É preciso reconhecer o esforço dessa administração com todos os problemas que foram levantados aqui de interferências, atrasos nos cronogramas, esforço no sentido de buscar contemplar a população da Lapa com obras em decorrência da operação urbana Água Branca e no que diz respeito a Pirituba em função do grande adensamento populacional que houve nos últimos 20 anos, e o fluxo, do rodoanel, e quando terminar o Rodoanel Norte, certamente esse fluxo será multiplicado, não sei por quantas vezes, mas fluxo de caminhão, de carreta pesada na região vai impactar de uma forma muito importante, toda região de Pirituba, da Lapa, Pompeia, Perdizes, etc.

Hoje pelo menos temos um projeto para criticar. Para rever, e acredito que o pessoal de engenharia da Prefeitura do Município de São Paulo, nobre Vereador Paulo Frange, muito empenhado nesse projeto, estão preocupados em fazer revisões em projeto que existe e que antigamente não existia. Então acho que é um avanço e nós devemos nos somar, quem participar dessa luta - seja do lado de cá do rio seja do lado de lá do rio - nós somos poucos ativistas dessa batalha por melhoria tanto da Lapa quanto da Pompéia, Perdizes nesse trecho

abrangido pela operação.

Então acho que é o momento da gente se somar já que o Prefeito tem boa vontade de realizar essa obra. É importante que a gente se some, diferentemente das opções político-partidárias que as pessoas possam ter, a gente possa somar no esforço. O Vereador Paulo Frange, o Vereador Eliseu Gabriel, o Vereador Matarazzo, que preside a Comissão de Política Urbana nesta Casa no sentido de que a gente possa viabilizar essa obra.

É claro que as interferências, eventualmente maléficas, que o projeto pode apresentar, hoje, podemos discutir com a engenharia, inclusive da Prefeitura, pois estão atentos às questões que foram aqui pontuadas pelos participantes deste plenário e poderão enxergar já algumas formas de apresentar alternativas que possam atender a região tanto a região do outro lado do rio quanto a região da Lapa, Pompeia e Perdizes.

Era essa a contribuição que eu queria dar. Obrigado pela oportunidade.

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo) -** Obrigado.

Sra. Maria Laura, da Associação dos Amigos e Moradores pela Preservação do Alto da Lapa e Bela Aliança.

**A SRA. MARIA LAURA -** Boa noite a todos. É o seguinte, acho que tiveram 30 audiências públicas da Operação Urbana Água Branca e acho que eu participei de todas. Não participei da aprovação da lei.

Então, é o seguinte, a nossa preocupação da sociedade civil, apesar de eu ser representante de uma Zona Estritamente Residencial, a minha preocupação é com a cidade de São Paulo. Então, a Operação Urbana Água Branca era o estudo das bacias, a preservação de todo o potencial histórico que tinha, a gente estava preocupado com a área de várzea, com as moradias populares. Então, foi uma bandeira que nós lutamos durante essas 30 audiências públicas. O que me estranha agora é que a pauta da Operação Urbana Água Branca, agora, seja menina dos olhos a ponte Raimundo Pereira Magalhães.

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo) -** Não é mau. Por que que a senhora

está dizendo que é a menina dos olhos?

**A SRA. MARIA LAURA** – A quem atende esse interesse? Temos então toda uma questão de prédios que estão sendo feitos em cima de nascentes, Jardim das Perdizes que não teve relatório de impacto de vizinhança. Então essa ponte está preocupada em levar as pessoas que andam a pé no trabalho ou que andam de carro para favorecer o mercado imobiliário e todas essas construtoras? Cadê as certidões de diretrizes? Quando você faz um prédio acima de 100 veículos que precisa ter e não são apresentados os relatórios de impacto de vizinhança. O que eu quero é questionar esse traçado, quero ver os estudos, eu quero ver todas as aferições, todos os dados, todos os levantamentos. O dinheiro é nosso. Nós estamos bancando essa conta. Então, vamos discutir melhor. Todo o pessoal da Lapa e da Pirituba, que somos parte desse projeto, e lutar pela prioridade do que foi a Operação Urbana Água Branca e não só a questão da ponte.

Estamos abertos e queremos ver todos os dados e temos tempo para discutir. Nunca temos pressa de discutir isso. Vamos sentar todo mundo junto, mostrar os papéis, de onde saiu esse traçado e vamos ver se isso é interessante para a população.

Muito obrigada.

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** - Perfeitamente. Boas observações.

Sr. Cleto Vitor da Silva, do movimento Ponte de Pirituba. Estamos recebendo aqui um documento da Amo City. Registre, por favor, aqui na Comissão.

**O SR. CLETO VITOR DA SILVA** – Boa noite a todos. A Ponte de Pirituba tem a sua história, a sua reivindicação é de 21 anos e sete meses. Como Presidente do MPC, Movimento Político Comunitário, eu reivindiquei a ponte no dia 21 de maio de 1991, no Governo da Erundina e o José Laurindo era Administrador Regional.

A nossa ideia era de devolver ao bairro a porta de entrada do bairro de Pirituba porque ela foi destruída em 68 para a construção das Marginais e não foi feita mais a ponte. Lutamos durante esses 21 anos, tivemos vários problemas, batemos na porta e não fomos

atendidos. Para nossa sorte, o Prefeito Haddad em sua campanha, usou a ponte como propaganda política, como Plano de Metas, foi debate na Bandeirantes, mas até ali nada aconteceu, até que preparamos toda a documentação novamente, passamos ao Vereador Paulo Frange e ele realmente se incumbiu dessa tarefa que resultou nessa vitória para nós de Pirituba.

Isso não quer dizer que nós estamos somente querendo a Ponte de Pirituba para integrar a Lapa e Pirituba. É uma via de acesso para melhorar a qualidade de vida das pessoas. Vamos falar em trânsito? Resolver o trânsito de São Paulo é utopia. Então, temos hoje um grande polo gerador de tráfego na Lapa que é a cidade nova que está se construindo dentro da Vila Anastácio, a mesma que está se construindo dentro do bairro de Pirituba.

Então, a Ponte de Pirituba é a porta de entrada do nosso bairro porque vivemos ilhados. Para se entrar em Pirituba, hoje, ou se entra pela Edgard Facó que serve a Petrônio Portela, a João Paulo, ou a Ponte da Anhanguera, que serve o interior. Às vezes demora 1h20 para sair da ponta da Raimundo Pereira de Magalhães para chegar a Ponte do Piqueri. Por quê? O pessoal da Freguesia do Ó não está usando a Ponte da Freguesia do Ó. Eles estão usando a Ponte do Piqueri.

A única coisa que eu cobro dos técnicos é que precisamos discutir um pouco mais essa questão. Eu, por exemplo, não participei de nenhuma discussão. Eu não sou engenheiro, mas eu acho que devemos participar porque vivemos o problema como é a Lapa e como é Pirituba.

Temos como resolver isso? Temos. Precisamos sentar e conversar. Precisamos agendar um encontro com o pessoal da Lapa, “Pirituba, técnicos e o Vereador Paulo Frange, que é o homem que está conduzindo esse processo, é o homem que está mais próximo para chegarmos a uma conclusão”. Sábado, dia 13, estamos realizando, na Faculdade Anhanguera, uma reunião com os moradores de Pirituba, e logicamente, os moradores da Lapa.

A partir daí vamos procurar chegar a resolver esse problema ou tentar equacionar.

Não vejo como se fossemos causar problema e não vai acontecer, vai acontecer isso contra ou a favor. A Ponte de Pirituba é necessária para os dois bairros e para nós vai melhorar muito a nossa qualidade de vida e nos deixar em paz e harmonia com a comunidade da Lapa que são os nossos vizinhos e temos a obrigação de respeitá-los. Só isso. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Andrea Matarazzo)** – Senhoras e senhores, terminamos aqui as perguntas e respostas. Para nós foi fantástico porque sempre aprendemos bastante. Acredito que nossos técnicos, não sei se o Ricardo quer esclarecer alguma coisa. Terão três minutos, mas antes teremos a Dona Jupira. O Gustavo se quiser falar também. O Ricardo e o Gustavo falarão. Vou passar a presidência ao Vereador Paulo Frange, porque tenho de sair. Quero agradecer muito a paciência de todos, principalmente o interesse em ter atendido à essa audiência pública que achamos fundamental para que as coisas corram bem. Dr. Paulo, por favor.

---

- Assume a presidência o Sr. Paulo Frange.

**O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange)** – Sra. Jupira, por favor.

**A SRA. JUPIRA** – Obrigada. É para avisar que está aberto o processo de eleição do representante do perímetro expandido da operação urbana Água Branca, no grupo de gestão. Sou da comissão eleitoral, o grupo de gestão é composto de nove representantes da sociedade civil e nove do poder público. Dos nove da sociedade civil, cinco são representantes de moradores ou trabalhadores, três do perímetro restrito e dois do perímetro expandido.

Quando houve o processo de votação no começo do ano, o perímetro expandido só teve uma pessoa que se candidatou. E ocupou somente uma vaga de titular e ficaram abertas um titular e dois suplentes. Foi aberto agora um processo para completar essas vagas.

Vou passar para vocês porque para o pessoal de Pirituba e dos bairros vizinhos que são do perímetro expandido isso é importante se quiserem manter um representante no grupo de gestão.

Hoje foi publicado o edital no Diário Oficial, as inscrições para os candidatos é do

dia 5, amanhã, até o dia 17 de dezembro, na Esc urbanismo, e a votação vai acontecer no dia 31 de janeiro, um sábado, na subprefeitura da Lapa. Detalhe e informações sobre isso tem no site da SP Urbanismo e acho que seria muito importante que houvesse candidatos dos bairros do perímetro expandido para fazer parte do grupo de gestão.

O grupo de gestão é deliberativo, discute todos esses projetos, discute a destinação dos recursos a partir das prioridades e diretrizes da lei e penso que pode ser importante para quem estiver interessado.

Obrigada, Vereador.

**O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange)** – Obrigado. Ricardo com a palavra.

**O SR. RICARDO** – Para mim também foi muito interessante escutar todas as opiniões que foram proferidas nesta audiência pública, eu tenho participado praticamente de todas as audiências que aconteceram, pelo menos nos últimos dois anos e é nosso hábito e tem sido uma tônica deste governo incorporar todas as sugestões que sejam tecnicamente viáveis. Nós levamos em “consideração várias destas sugestões que ouvimos nessa proposta que foi apresentadas e no desenvolvimento do projeto básico que foi feito nos últimos três a quatro meses”. E chegamos através de modelagens eletrônicas que essa proposta é aquela que daria o melhor resultado. As pessoas podem não acreditar, muita gente não acredita ainda que o homem foi à lua, mas o homem foi à lua e a gente acredita também que o modelo eletrônico que nós nos baseamos e que comprovou que esse traçado é o que dará maior eficiência esteja correto.

Os movimentos de entrada e saída de Pirituba ou da Lapa em direção às Marginais, todos esses movimentos são permitidos. Essas alças tradicionais têm mostrado as menos eficientes possíveis nos estudos que a CET tem feito. A migração direto da ponte na pista expressa da Marginal, que nós estudamos, provocariam um congestionamento ainda maior na Bandeirantes. Quem vem hoje de Campinas ou quem sai da região de Perus e pega a Bandeirantes sabe do problema que é chegar em São Paulo. Antes era só de manhã, hoje

esse problema se dá várias vezes ao dia até no final de semana. Colocar uma ligação direta da ponte na Marginal provocaria, além de uma aumento maior do rabo de congestionamento da Bandeirantes, também um congestionamento na própria Raimundo Pereira de Magalhães. Por isso que nós abandonamos essa ligação direta. Ninguém é malvado, ninguém é louco de fazer uma coisa que não funciona.

Então, nós estudamos e vimos que essa solução era a que trazia menor impacto. Existem colocação muito importantes. A questão ambiental que você colocou tem que ser agregada, é o nosso próximo passo. Você é uma conhecedora profunda da região, trabalhou no dia a dia das galerias, quero contar com sua colaboração. Realmente temos de estudar não só as questões de ordem hidrológica como também a questão da preservação cultural dos imóveis na John Harrison e tudo que for possível preservar ou melhorar, nós vamos ter de levar em consideração.

Por último, eu queria dizer que intervenções que possibilitassem arranjos maiores teriam de fazer grandes desapropriações que trariam outros dissabores que acho que a Prefeitura, a cidade de São Paulo nem tem condições financeiras para proceder e nem sei se é o que é necessário. É uma ponte que dá prioridade ao transporte coletivo. Essa ponte vai melhorar a vida de todo mundo, mas dá prioridade ao transporte coletivo. Tiraremos 100 ônibus no horário de pico da ponte do Piqueri. Toda questão que foi colocada por alguém que me antecedeu agora há pouco, aquelas ruas da Edgar Facó, João Paulo, Lutfalla que migram direto para a ponte do Piqueri, essa região será enormemente beneficiada por essa nova ponte.

Agora, São Paulo é uma cidade tentacular, impedir que se construa em São Paulo seria como há 20 ou 30 anos quando éramos mais jovens, impedisse também de construir os lugares onde moramos. Nós não temos essa capacidade de impedir que a Cidade continue progredindo. São Paulo vai continuar crescendo e durante muito tempo ainda vamos conviver com isso. É inexorável, é impossível deter o crescimento da Cidade, não faz parte de nenhum

programa de nenhum governo de impedir o crescimento da Cidade.

Por último, eu gostaria de dizer a nossa querida e estimada Dona Antonieta que nós temos um grande prazer em recebê-la. Já a recebi algumas vezes. Já nos falamos. A gente sempre se encontra.

- Manifestações fora do microfone.

**O SR. RICARDO** – Não vou entrar nessa polêmica. A gente já se encontrou várias vezes. Tudo bem. Fica a palavra da senhora como sendo a sua verdade e a minha como sendo a minha verdade. O que eu queria dizer não é nem isso. Se a gente se encontrou ou não, pouco importa no que eu vou dizer. É que os recursos que estão sendo aplicados na drenagem do Água Preta são recursos reais, não são virtuais. Eu provei com fotos, e é só alguém querer programar uma visita nas obras. As obras estão acontecendo e são visíveis; e nós entregaremos a obra até o final do ano que vem. Então, os recursos estão lá. Nós vamos fazer aquele programa que eu apresentei. Vamos gastar aqueles recursos que foram apresentados, e infelizmente eu acho que fala que o Prefeito teve foi descontextualizada. Eu não sei exatamente. O vídeo é muito, é muito pequeno. Não sei se ele entendeu, na questão que foi colocada, o que foi perguntado; e o que eu posso dizer - e o Prefeito já escutou e já concordou com isso várias vezes – é que a obra terá esse custo. Nós iremos executá-la, e portanto não há nenhum problema. Essa incredulidade não faz bem para o nosso coração, e não é nem necessário tê-la, porque a obra está aí; está em ritmo acelerado e vamos executá-la.

**O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange)** – Tem a palavra o Sr. Gustavo.

**O SR. GUSTAVO** – Bom, primeiro eu agradeço as contribuições. Eu acho que é muito importante sempre ouvir a população e entender a real necessidade de cada morador da região. A região da operação urbana é muito grande. O perímetro expandido é bastante grande. Impacta diferentemente na casa de cada um e no trabalho de cada um. Então, isso é bastante importante.

Agora só queria ressaltar os canais de participação. Quanto a essa operação urbana, reforço que existem canais de participação de cada projeto, de cada decisão e de cada dinheiro que se gasta, e muito me surpreende quando a gente tem a primeira operação urbana e coloca uma eleição de conselheiros do grupo gestor para o voto direto, e todas as vagas não serem preenchidas. A gente está fazendo um esforço, abrindo uma nova eleição. Foi publicado, muitas vezes, em jornais de grande circulação e avisado. Eu acho que a gente precisa ter clareza dos canais de comunicação e as associações. É importante termos clareza de tudo isso. A gente tem feito um esforço e muita energia para divulgar esses canais de comunicação

Estamos reforçando aqui de novo. Abrimos até nova eleição para preencher as vagas. Então, por favor, por favor, por toda a discussão que os senhores fizeram aqui hoje, não deixem de participar no dia a dia. Dá trabalho, gasta tempo e gasta energia, mas é fundamental, porque há gente discutindo, e todo esse trabalho que está sendo feito e apresentado aqui foi muito discutido por técnicos da CET, da São Paulo Obras, da São Paulo Urbanismo, da SPTrans e todo mundo que trabalha com todas as áreas. Foi um projeto que envolveu várias áreas: Urbanismo, Transporte, Trânsito, Tráfego, Meio Ambiente e Águas. Nada passou em branco desse trabalho. É claro que dá para melhorar, e eu acho que há um compromisso aqui, nobre Vereador Paulo Frange, de melhorar, de pensar esses fluxos, colher essas opiniões que foram colocadas aqui, para tentar melhorar.

Já é pauta da próxima reunião do conselho gestor esse projeto. Já estava configurado na pauta, quando a gente recebeu o convite aqui. Recebemos há duas semanas, e já havia sido convocado isso; e o conselho gestor está participando dessa questão. Então, há gestão pública, há controle social e há planejamento.

É claro que, para agradar um, eu tenho que desagradar o outro. É assim. A gente tem que abrir mão um pouco de cada perspectiva, para poder construir, como todos os senhores falaram, não preocupados com a porta da casa dos senhores, mas preocupados com

a Cidade. Nós entendemos bem isso aí aqui, a preocupação com a Cidade.

Então, reforço os canais de participação, as associações de bairro e as subprefeituras. Estão informadas com isso. Vamos participar mais e melhorar mais o projeto para, de fato, a gente conseguir construir. Já foi uma batalha construir e colocar ponte no processo. Os Srs. Eliseu e Paulo sabem. Não é por questões de engenharia técnica que a gente vai não fazer essa obra ou não atender a isso tudo, mas para atender, vai mudar um pouco a característica de cada bairro, e têm que entender isso, porque, senão a gente vai olhar só para a nossa porta, e, na nossa porta, a gente não resolve a Cidade. Então, eu queria reforçar esse canal de participação e a participação dos senhores aqui, que é muito importante, mas não só aqui, quando a gente é convidada ou quando a gente convida, no cotidiano, no dia a dia, nas discussões. Nós estamos passando pelas rotinas do zoneamento. A participação melhorou. No começo, estava pequena. É preciso colocar isso nas questões. O Plano Diretor foi um avanço, foi uma vitória. Foi amplamente discutido. A gente precisa esclarecer. A gente está preparando um livro sobre todos os dados do Plano Diretor, para esclarecer. Quanto à maioria das coisas colocadas aqui hoje, a gente pode melhorar essa discussão, esclarecendo para os senhores como, de fato, é. A gente participa de projetos todos os dias e de audiências duas vezes por semana, pelo menos, e a gente sabe que a informação é preciosa. Quem tem a informação correta consegue ter clareza disso e contribuir para a Cidade. Esse é o nosso esforço. Então, a gente sempre vai aceitar, quando for convidado, para poder esclarecer aí a dúvida de cada um e melhorar o nosso trabalho.

Obrigado e boa noite.

**O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange)** – Sr. Gustavo, transmita os nossos agradecimentos ao Secretário Fernando de Mello com toda sua equipe. A Comissão de Política Urbana tem se sentido muito prestigiada com a presença dos senhores. A cada semana, os senhores trazem situações novas. Nessa semana mesmo, houve a discussão do EIA-RIMA da Operação Urbana Mooca-Carioca. Já veio com grandes avanços. A gente já tem informações

muito mais precisas. Acho que esse trabalho vem sendo consolidado a cada período que passa.

Temos que agradecer em nome da comissão.

Tem a palavra o nobre Vereador Eliseu Gabriel.

**O SR. ELISEU GABRIEL** – Eu só queria dar uma palavrinha final, de dizer que gostei muito de participar desta audiência. De fato, a gente acaba absorvendo uma série de informações importantes. Eu queria também dar os parabéns para os Srs. Gustavo, os dois Ricardos e suas respectivas secretarias, porque a gente tem visto o esforço e a dedicação que S.Exas. têm tido. É de muita seriedade esse projeto da ponte como os outros, dos córregos. São extremamente complexos, e essa oportunidade de nós discutirmos é um fator que nós temos que comemorar, embora a gente, muitas vezes, não consiga acompanhar tudo, mas é um momento de democracia que a gente tem que aproveitar.

---

Eu queria dizer que eu tenho certeza que esse projeto tem uma série de coisas muito boas e ainda é possível alguma pequena alteração, como eu coloquei, quanto à questão da Raimundo, de não atrapalhar o bairro do City Lapa. A gente tem que ouvir todas essas pessoas. Eu acho que tudo isso vai ser ouvido. Então, achei muito positivo. A gente dá, mais uma vez, parabéns para a Comissão de Política Urbana, em nome do Vereador Paulo Frange e do Vereador Andrea Matarazzo, pelo trabalho sério e consistente que têm feito nessa área.

Muito obrigado. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange)** – Em nome da comissão, eu quero agradecer a todos os senhores, por estarem conosco até esta hora. Nós vamos continuar acompanhando de perto, próximo, tentando mantê-los informados. Gostaríamos também de continuar recebendo dos senhores as informações que tiverem. Quanto às informações ou algum tipo de pedido que tiverem que fazer para a Comissão de Política Urbana, façam com protocolo. Não deixem de protocolar na Comissão de Política Urbana. Esses pedidos não ficam parados. Eles caminham, tramitam. Nós damos destino imediatamente na semana seguinte da reunião da

Comissão de Política Urbana, que acontece toda quarta-feira aqui. Mantemos informada a secretaria. Portanto, fiquem à vontade e podem contar com o trabalho da comissão.

Mais uma vez, obrigado, nobre Vereador Eliseu Gabriel, Ricardo, Ricardo e Gustavo.

Está encerrada a presente reunião.